



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ
Centro de Letras, Comunicação e Artes
Mestrado Profissional em Letras em Rede



ROSILDA DE ALVARENGA

**PROFICIÊNCIA LEXICOGRÁFICA PARA PROFESSORES:
O USO DE DICIONÁRIO EM SALA DE AULA**

Cornélio Procópio
2016

ROSILDA DE ALVARENGA

**PROFICIÊNCIA LEXICOGRÁFICA PARA PROFESSORES:
O USO DE DICIONÁRIO EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras em Rede (PROFLETRAS) da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Moreno da Silva.

Cornélio Procópio
2016

A473p

Alvarenga, Rosilda de

Proficiência lexicográfica para professores: o uso de dicionário em sala de aula / Rosilda de Alvarenga; orientador: Fernando Moreno da Silva. – Cornélio Procópio, 2016.

103 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Centro de Letras, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2016.

1. Lexicografia. 2. Proficiência lexicográfica. I. Silva, Fernando Moreno da. II. Título.

CDD 23. ed. – 413.028

Nenhum homem, por douto que seja, sabe o significado de todas as palavras do seu idioma; quando muito terá notícia dos termos da arte, que professa; das mais artes saberá a caso alguns nomes, todos os mais ignora. A homens faladores lhes causa esta ignorância notável embaraço (BLUTEAU, 1728, p. 535).

AGRADECIMENTOS

É o momento de evocar todas as pessoas queridas que com sua contribuição emocional, afetiva, intelectual ou financeira fizeram parte desta enorme caminhada;

Agradeço, primeiramente, a meu orientador Prof. Dr. Fernando Moreno da Silva por me acolher em sua linha de pesquisa;

À minha família que sempre entendeu minha ausência e que foram meus grandes amigos;

Aos sujeitos desta pesquisa, alunos das turmas do 6º e 9º ano do ensino fundamental e 3º do ensino médio do colégio pesquisado, também autores destas páginas e personagens que atuaram em minha vida. Muito obrigada pela oportunidade de realizar minha pesquisa com vocês;

Aos professores das escolas municipais e estaduais da cidade de Ibiporã/PR em que empreendi minha pesquisa pela recepção e atenção;

Ao PROFLETRAS da Universidade Estadual Norte do Paraná (UENP – Campus de Cornélio Procopio), na pessoa dos professores que o compõem, pelas contribuições em suas disciplinas;

Às professoras. Dra. Diná Tereza de Brito e Dra. Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, que compuseram a banca examinadora do Exame de Qualificação, pelas relevantes e oportunas intervenções;

Aos funcionários da secretaria da Pós-graduação da Universidade Estadual Norte do Paraná (UENP – Campus de Cornélio Procopio), pelo apoio técnico e burocrático;

Aos meus colegas do PROFLETRAS, pela convivência e proveitosos debates;

E por último, mas não menos importante, à querida amiga Mônica Monte de Souza pelo apoio e paciência que me dedicou ao longo dessa dissertação.

ALVARENGA, Rosilda de. **Proficiência lexicográfica para professores**: o uso de dicionário em sala de aula. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Centro de Letras, Comunicação e Artes, Universidade Estadual Norte do Paraná, Cornélio Procopio, 2016.

RESUMO

A língua é um organismo ativo, em constante transformação. Nesse sentido, pretende-se mostrar a importância do uso do dicionário como instrumento de aprendizagem dessa língua, estimulando o uso dele em sala de aula para que os alunos possam refletir a respeito da estrutura e funcionamento da linguagem. Este trabalho teve o intuito de mapear quantitativamente a utilização dos dicionários pelos professores em sala de aula e identificar quais as maiores dificuldades dos docentes na utilização dessas obras lexicográficas. A constatação dessas dificuldades revelou a necessidade de uma proficiência lexicográfica, principalmente aos professores, responsáveis pelo ensino da língua e conseqüentemente pelo estímulo deste material didático. Por isso, o objetivo deste trabalho é apresentar uma proposta para habilitar os professores a explorarem com mais propriedade e eficiência o dicionário em sala de aula. Partiu-se do pressuposto de que este material deve ser mais bem aproveitado nas aulas de todas as disciplinas da grade curricular, a fim de favorecer maior enriquecimento vocabular dos alunos, uma vez que a escola é o ambiente que, por excelência, deve aprofundar o léxico de seus discentes.

PALAVRAS-CHAVE: Uso de dicionário. Lexicografia. Aprendizagem. Proficiência lexicográfica.

ABSTRACT

Language is an active organism, in constantly transformation. In this sense, it was intended to show the importance of using the dictionary as a learning tool, encouraging the use of it in the classroom so the students can reflect about the structure and functioning of language. This study had the purpose to quantitatively map the use of dictionaries by teachers in the classroom and identify the main difficulties of teachers in the use of these lexicographical books. These difficulties has shown the need for a lexical proficiency, especially to the teachers, responsible for teaching the language and therefore for the stimulation of this didactic material. Thus, the aim of this paper is to present a proposal to enable teachers to explore more properly and efficiently the dictionary in the classroom. It was assumed that this material should be better used in the classes of all subjects of the curriculum, in order to promote greater vocabulary enrichment of the students, since the school is the environment that, par excellence, should deepen the lexicon of their students.

KEYWORDS: Dictionary use. Lexicography. Learning. Lexicography proficiency.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 14 |
| 1.1 LÉXICO | 14 |
| 1.2 LEXICOGRAFIA | 16 |
| 1.2.1 <i>Lexicografia pedagógica</i> | 19 |
| 1.3 O DICIONÁRIO | 20 |
| 1.4 A IMPORTÂNCIA DO DICIONÁRIO COMO MECANISMO DE ESTUDO..... | 25 |
| 1.5 O MEC E A ADOÇÃO DO DICIONÁRIO COMO MATERIAL DIDÁTICO..... | 27 |
| 1.5.1 <i>Dicionários do TIPO 1</i> | 28 |
| 1.5.2 <i>Dicionários do TIPO 2</i> | 30 |
| 1.5.3 <i>Dicionários do TIPO 3</i> | 31 |
| 1.5.4 <i>Dicionários do TIPO 4</i> | 33 |
| 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 35 |
| 3 ANÁLISE DOS RESULTADOS | 37 |
| 3.1 DA COLETA DE DADOS | 37 |
| 3.2 ANÁLISE DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS..... | 40 |
| 3.3 PERFIL DOS PROFESSORES PARTICIPANTES DA PESQUISA | 47 |
| 3.3.1 <i>Perfil dos professores do colégio dos alunos pesquisados</i> | 47 |
| 3.3.1.1. <i>Análise dos dados dos professores do colégio dos alunos pesquisados</i> | 48 |
| 3.3.2 <i>Perfil dos professores de língua portuguesa da rede estadual</i> | 49 |
| 3.3.2.1 <i>Análise dos dados dos professores de língua portuguesa da rede estadual</i> | 50 |
| 3.3.3 <i>Perfil dos professores da rede municipal de ensino</i> | 53 |
| 3.3.3.1 <i>Análise dos dados dos professores da rede municipal de ensino</i> | 55 |
| 3.4 SÍNTESE DAS ANÁLISES DOS TRÊS GRUPOS | 58 |
| 4 MANUAL PARA UTILIZAÇÃO DE DICIONÁRIOS EM SALA DE AULA | 60 |
| 4.1 POLÍTICA DE DISTRIBUIÇÃO DE DICIONÁRIO PELO MEC | 60 |
| 4.1.1 <i>Classificação do dicionário de acordo com a política do MEC</i> | 61 |

| | |
|--|-----------|
| 4.1.2 Tipos de dicionários escolares distribuídos pelo MEC | 63 |
| 4.2 ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DO DICIONÁRIO | 71 |
| 4.3 RECOMENDAÇÕES PARA USO DO DICIONÁRIO | 76 |
| 4.4 ATIVIDADES | 76 |
| OBJETIVO 1: Familiarizar os alunos com a ordem alfabética | 77 |
| OBJETIVO 2: Organizar o vocabulário por campos temáticos e desenvolver o léxico | 79 |
| OBJETIVO 3: Desenvolver o léxico e conscientizar sobre o uso das locuções e expressões idiomáticas | 79 |
| OBJETIVO 4: Explorar os fenômenos de polissemia, ambiguidade, metáfora ou metonímia das palavras, para evitar duplos sentidos tanto na fala quanto na escrita..... | 81 |
| OBJETIVO 5: Ampliação de vocabulário..... | 82 |
| OBJETIVO 6: Familiarizar o aluno com expressões idiomáticas..... | 87 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 90 |
| BIBLIOGRAFIA | 91 |
| ANEXOS | 96 |
| ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DO COLÉGIO PESQUISADO..... | 97 |
| ANEXO B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS..... | 98 |
| ANEXO C – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DA REDE ESTADUAL E MUNICIPAL..... | 99 |
| ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES..... | 100 |
| ANEXO E – TERMO DE ASSENTIMENTO | 101 |
| ANEXO F – QUADRO DE IDENTIFICAÇÃO E TERMO DE CONSENTIMENTO DOS PROFESSORES CONSULTADOS..... | 102 |
| ANEXO G – AUTORIZAÇÃO DO LOCAL DE COLETA DE DADOS | 103 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| FIGURA 1 – Mafalda e o dicionário..... | 19 |
| FIGURA 2 – Verbetes | 22 |
| FIGURA 3 – Tipologia de obras escolares do PNLD-Dicionários..... | 28 |
| FIGURA 4 – Verbetes TIPO 1..... | 29 |
| FIGURA 5 – Verbetes TIPO 1..... | 29 |
| FIGURA 6 – Verbetes TIPO 1..... | 29 |
| FIGURA 7 – Verbetes TIPO 1..... | 29 |
| FIGURA 8 – Verbetes TIPO 2..... | 30 |
| FIGURA 9 – Verbetes TIPO 2..... | 30 |
| FIGURA 10 – Verbetes TIPO 2..... | 31 |
| FIGURA 11 – Verbetes TIPO 2..... | 31 |
| FIGURA 12 – Verbetes TIPO 2..... | 31 |
| FIGURA 13 – Verbetes TIPO 2..... | 31 |
| FIGURA 14 – Verbetes TIPO 2..... | 31 |
| FIGURA 15 – Verbetes TIPO 2..... | 31 |
| FIGURA 16 – Verbetes TIPO 3..... | 32 |
| FIGURA 17 – Verbetes TIPO 3..... | 32 |
| FIGURA 18 – Verbetes TIPO 3..... | 32 |
| FIGURA 19 – Verbetes TIPO 3..... | 32 |
| FIGURA 20 – Verbetes TIPO 3..... | 32 |
| FIGURA 21 – Verbetes TIPO 3..... | 32 |
| FIGURA 22 – Verbetes TIPO 4..... | 33 |
| FIGURA 23 – Verbetes TIPO 4..... | 34 |
| FIGURA 24 – Verbetes TIPO 4..... | 34 |
| FIGURA 25 – Verbetes TIPO 4..... | 34 |
| FIGURA 26 – Capa de um dicionário | 61 |
| FIGURA 27 – Identificação TIPO 1 | 62 |
| FIGURA 28 – Identificação TIPO 2 | 62 |
| FIGURA 29 – Identificação TIPO 3 | 62 |
| FIGURA 30 – Identificação TIPO 4 | 62 |
| FIGURA 31 – Quantidade de verbetes (TIPO 2) | 62 |
| FIGURA 32 – Quantidade de verbetes (TIPO 4)..... | 62 |
| FIGURA 33 – Verbetes tipo 1 | 63 |

| | |
|---|----|
| FIGURA 34 – Verbete TIPO 1..... | 63 |
| FIGURA 35 – Verbete TIPO 1..... | 64 |
| FIGURA 36 – Verbete TIPO 1..... | 64 |
| FIGURA 37 – Verbete TIPO 1..... | 64 |
| FIGURA 38 – Verbete TIPO 1..... | 64 |
| FIGURA 39 – Verbete TIPO 2..... | 65 |
| FIGURA 40 – Verbete TIPO 2..... | 65 |
| FIGURA 41 – Verbete TIPO 2..... | 65 |
| FIGURA 42 – Verbete TIPO 2..... | 65 |
| FIGURA 43 – Verbete TIPO 2..... | 66 |
| FIGURA 44 – Verbete TIPO 2..... | 66 |
| FIGURA 45 – Verbete TIPO 2..... | 66 |
| FIGURA 46 – Verbete TIPO 3..... | 67 |
| FIGURA 47 – Verbete TIPO 3..... | 67 |
| FIGURA 48 – Verbete TIPO 3..... | 68 |
| FIGURA 49 – Verbete TIPO 3..... | 68 |
| FIGURA 50 – Verbete TIPO 3..... | 69 |
| FIGURA 51 – Verbete TIPO 4..... | 69 |
| FIGURA 52 – Verbete TIPO 4..... | 70 |
| FIGURA 53 – Verbete TIPO 4..... | 70 |
| FIGURA 54 – Verbete TIPO 4..... | 70 |
| FIGURA 55 – Informações contidas em um verbete | 71 |
| FIGURA 56 – Informações contidas em um verbete | 72 |
| FIGURA 57 – Modelo de palavras-guia..... | 73 |
| FIGURA 58 – Modelo de palavras-guia..... | 73 |
| FIGURA 59 – Modelo de página com palavras-guia | 74 |
| FIGURA 60 – Modelo de página com palavras-guia | 75 |
| FIGURA 61 – Acepções de um verbete | 75 |
| FIGURA 62 – Atividade de ordem alfabética | 77 |
| FIGURA 63 – Atividade de ordem alfabética..... | 78 |
| FIGURA 64 – Atividade de ordem alfabética..... | 78 |
| FIGURA 65 – Atividade para organizar vocabulário..... | 79 |
| FIGURA 66 – Atividade para desenvolver o léxico..... | 80 |
| FIGURA 67 – Atividade de polissemia | 82 |

INTRODUÇÃO

O dicionário é um instrumento de apoio essencial em qualquer curso, em qualquer nível de estudo ou em qualquer disciplina, uma vez que é por meio dele que temos acesso à riqueza e à pluralidade de dada língua e de determinado assunto. É uma obra de consulta que circula livremente na sociedade. Nos dias de hoje, temos dicionários para as mais diversas finalidades: dicionários da língua materna, de línguas estrangeiras, técnicos, terminográficos, entre outros. Apesar da grande variedade e importância do dicionário como material de apoio ao estudo, percebemos que ele não recebe o devido valor tanto de professores como de alunos.

Os professores, mesmo os de língua portuguesa, consideram-no um instrumento de menor importância, dando preferências a outros tipos de material didático. Já os alunos, se não são incentivados a fazer uso desse dispositivo de aprendizagem, simplesmente se esquecem da sua existência, ainda mais se considerarmos os mecanismos a que temos acesso nos dias de hoje, quais sejam: ferramentas de busca (Google), enciclopédias colaborativas virtuais (Wikipédia), entre outros.

Considerando os fatos elencados acima, e partindo do pressuposto de que há subutilização do dicionário nas escolas, este trabalho tem como objetivo principal mapear a subutilização do dicionário em sala de aula, com o intuito de identificar os principais motivos para essa indevida utilização, além de demonstrar a importância desse material didático como mecanismo de estudo para ampliação de vocabulário. Pretendemos também instrumentalizar o professor, elaborando um manual para utilização do dicionário em sala de aula que instigue os alunos a refletir a respeito da estrutura e do funcionamento da linguagem, uma vez que essa obra é uma ferramenta valiosa para a aquisição de vocabulário e ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, em todas as áreas do conhecimento.

A origem desta pesquisa deu-se a partir da sugestão do tema por nosso orientador do programa PROFLETRAS. O Prof. Fernando Moreno sugeriu esse tema à pesquisadora. Essa área de estudo era completamente desconhecida para ela.

Primeiramente, se pensou em direcionar a pesquisa aos alunos, propondo-lhes atividades em sala de aula com os dicionários. No segundo semestre

de 2015, na semana pedagógica, apresentamos alguns detalhes do projeto aos professores, funcionários e equipe pedagógica do estabelecimento de ensino onde atuávamos como regente, no município de Ibiporã-PR. É “norma” do colégio que todos os professores licenciados para algum tipo de formação apresentem seu trabalho durante essa semana de “formação continuada”.

Com os resultados da aplicação dos questionários junto aos professores (ANEXO A) e aos alunos do colégio (ANEXO B), foi feita uma explanação sobre conceitos da lexicografia, estrutura dos dicionários e a classificação e distribuição dessas obras feita pelo MEC. Os presentes nessa semana pedagógica ficaram muito interessados e fizeram muitas perguntas sobre o tema, pois, para surpresa, eles desconheciam completamente que havia uma classificação e avaliação de dicionários realizada pelo MEC e que esse material era enviado a todos os estabelecimentos de ensino juntamente com um manual de uso desses instrumentos de ensino. A pesquisadora apresentou todo o acervo do MEC aos presentes, momento este em que puderam manusear os dicionários e tiraram dúvidas sobre onde adquirir o material, como era a composição dos verbetes, qual o público alvo e quais as diferenças dos acervos entre outros. Ao final, eles foram informados que a biblioteca do colégio possuía os acervos completos dos tipos 3 e 4 do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD Dicionários). Essas obras não eram utilizadas, pois a funcionária responsável pela biblioteca não as disponibilizava por temer que os alunos danificassem o material. Os professores, após saberem da existência desses acervos, informaram que passariam a exigir o uso dessas obras lexicográficas.

No exame de qualificação do PROFLETRAS, realizado em fevereiro de 2016, toda essa situação da semana pedagógica foi comentada com os membros da banca examinadora, que sugeriram, entre outras ações, a mudança do produto final da pesquisa. Em vez de aplicar atividades aos alunos, a sugestão foi construir um manual de utilização dos dicionários em sala de aula para os professores. Outra sugestão acatada foi a ampliação do universo pesquisado, uma vez que a intenção primeira dessa pesquisa era aplicar questionários apenas aos alunos e aos professores de um colégio. O escopo incorporou, além dos alunos e professores daquele colégio, professores das escolas municipais e estaduais do município de Ibiporã-PR (ANEXO C).

Com base nas recomendações sugeridas, num primeiro momento, pesquisamos a importância do uso do dicionário em sala de aula, pois isso nos trouxe elementos que pudessem ser utilizados na construção do referido manual.

A pesquisa também nos preparou para que, no momento da interpretação dos resultados, pudéssemos fazer uma análise mais aprofundada das falhas na utilização dessa obra em sala de aula e nos permitiu ponderar a respeito dessa importância e diante dessa constatação tornou-se evidente que o dicionário é extremamente útil e mesmo imprescindível ao cotidiano da escola, porque é por meio dele que inferimos múltiplos conhecimentos e podemos nos expressar com clareza e discernimento, pois como bem aponta Rangel (2011, p. 51):

Os diferentes tipos de conhecimentos registrados ou implicados em dicionários, entre eles os especificamente lexicográficos, podem colaborar de forma significativa para o processo de ensino e aprendizagem, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento dos processos de letramento e de aquisição da escrita.

A metodologia adotada nesse trabalho foi a pesquisa bibliográfica, que, de acordo com Gil (2008, p. 29) “[...] é elaborada com base em material já publicado”.

A fim de atingir esse objetivo, buscamos mapear quantitativamente a utilização dos dicionários pelos professores em sala de aula e identificar quais as maiores dificuldades dos docentes na utilização desse instrumento. Esse mapeamento se deu por meio de pesquisa de campo realizada nas escolas estaduais e municipais de Ibiporã/PR.

Vários autores (GIL, 2008; MARCONI; LAKATOS, 2010; RUIZ, 2006) destacam a importância da pesquisa de campo como método de coleta de dados e acrescentam que o questionário é um dos mais adequados, uma vez que atingem um grande número de pessoas.

Esse tipo de pesquisa é essencial para a condução do presente trabalho, pois aponta quais problemas encontrados na utilização do dicionário e quais medidas devemos tomar para que esses problemas sejam, se não extintos, pelos menos dirimidos.

Com o intuito de facilitar a leitura deste trabalho, estruturamos os capítulos da seguinte maneira: o Capítulo 1 traz a fundamentação teórica do tema pesquisado, com conceito de dicionário e a sua importância como mecanismo de estudo, uma contextualização histórica do surgimento e a classificação feita pelo

Ministério da Educação (doravante MEC). No Capítulo 2, são apresentados os procedimentos metodológicos que foram utilizados neste estudo. Já o Capítulo 3 apresenta a análise e discussão dos dados obtidos na pesquisa, a síntese do levantamento realizado nas escolas municipais e estaduais de Ibiporã/PR e a apresentação de tabelas e gráficos. Por fim, apresentamos as considerações finais a respeito do trabalho realizado e, como produto final, elaboramos um manual que busca instrumentalizar o professor para um melhor uso do dicionário em sala de aula.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 LÉXICO

O léxico da língua portuguesa decorre fundamentalmente do latim, antiga região do Lácio, área central da Itália onde hoje se localiza Roma. Junto com o latim também vieram palavras gregas e o enriquecimento desse léxico foi se expandindo pelo contato com outros povos.

A língua portuguesa é uma continuação desse latim levado à Península Ibérica que com o convívio em sociedade foi favorecendo sempre a criação de novos vocábulos para atender às necessidades culturais, científicas e comunicativas da população.

No Brasil, a convivência com o nativo proporcionou à língua adquirir novas cores. Com a chegada dos escravos africanos o português brasileiro ganhou novos sons e, depois, com os imigrantes europeus, o léxico português brasileiro se enriqueceu com os costumes, tradição e falares de todos esses povos que vieram para cá.

Paralelamente a toda influência de culturas externas, a língua se renova por conta própria para atender às carências de sua comunidade linguística e assim a língua portuguesa continuamente aumenta seu léxico, às vezes, com palavras ganhando novo sentido, ou sendo criadas e/ou adaptadas para atender a seu propósito comunicativo, porque se a língua não muda, com o tempo, ela fica distante da sociedade a quem deve servir. É o uso constante da linguagem que produz sua mudança e essa constante mudança garante sua continuidade e funcionalidade. A diversidade geográfica, cultural, social e a temporalidade são alguns fatores que provocam as alterações na língua.

Enfim, uma língua viva está sujeita às constantes variações, daí advém a importância dos dicionários, pois eles são fundamentais na comunicação a partir do momento que contribuem para a definição e fixação dos usos da língua uma vez que, através deles, o indivíduo amplia sua visão da língua com os exemplos de uso que o lexicógrafo disponibilizam e todos os aspectos gramaticais e históricos do funcionamento da linguagem. Por intermédio das obras lexicográficas, os

consulentes incorporam o saber linguístico de uma sociedade e o utiliza no seu discurso oral ou escrito em um movimento incessante entre obras lexicográficas e ambiente social. Dessa forma, determinado vocábulo encontrado em um dicionário será usado em diferentes contextos, sofrerá a influencia da realidade social e voltará em futuras obras lexicográficas com novas acepções. Pois, como afirma Bolzan (2012, p. 87)

Os seres humanos dão vida às palavras, usam-nas para as mais diversas necessidades e elas adquirem importância para a cultura social e histórica que precisam ser lembradas sempre em uma obra que as promova culturalmente. Elas aguardam, silenciosas, nas obras lexicográficas, com seus significados e funções, para se integrarem ao meio social por intermédio da consulta das pessoas e, assim, todo o processo de interação reinicia. Os itens lexicais existem para serem utilizados nos diferentes discursos que o ser humano constrói. Para constituírem diferentes discursos sociais, eles serão escolhidos de acordo com o contexto, de acordo com as necessidades dos sujeitos dos discursos. Dessa forma, ocorre uma seleção natural das palavras, levando em consideração as necessidades do ser consulente e do seu momento vivido.

A palavra *léxico* tem origem grega (*lexicon*) que, em sentido amplo, pode ser designado como vocabulário. Assim sendo, entendemos léxico como o conjunto de todos os vocábulos de uma determinada língua.

Para melhor compreensão, apresenta o dicionário Aulete Digital a seguinte definição para o termo:

(/lé.xi.co) [cs] sm.

1. Ling. Próprio das palavras ou referente a elas; LEXICAL
2. Ling. O repertório de palavras de uma língua ou de um texto; VOCABULÁRIO
3. P.ext. Obra de compilação de uma parte (reduzida ou extensa) dos vocábulos de uma língua e seus significados; DICIONÁRIO
4. Dicionário de antigas línguas clássicas.
5. P.ext. Relação de palavras us. por um autor ou por uma escola ou movimento literário.
6. Ling. Conjunto dos lexemas da língua (proposto por Saussure), oposto ao conjunto de vocábulos.
7. P.ext. Gram. Componente da gramática internalizada de um falante que abarca todo o seu conhecimento das palavras (esp. sua pronúncia, significação e emprego numa sentença) .

De acordo com Biderman (1996, p. 27), o léxico é:

[...] o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana. [...] o léxico está associado ao conhecimento e o processo de nomeação em qualquer língua resulta de uma operação perceptiva e cognitiva.

Assim, no aparato lingüístico da memória humana, o léxico é o lugar do conhecimento sob o rótulo sintético de palavras – os signos lingüísticos.

Do mesmo modo, Silva (2002, p. 69), afirma que o léxico representa “[...] o repositório dos aspectos culturais e ideológicos de uma determinada comunidade lingüística, para conhecer bem o significado de uma palavra é preciso conhecer também o contexto cultural no qual ela se insere, bem como as situações em que é usada.”

De uma maneira bem simplificada, poderíamos dizer que o léxico de uma língua é o conjunto de palavras à disposição dos usuários de uma comunidade lingüística. As pessoas fazem uso dessas palavras conforme a situação ou necessidade de comunicação, pois elas estão à disposição para resolver desavenças cotidianas. Umhas terão seu significado alterado, outras desaparecerão, e algumas poderão ser inventadas, dependendo do valor social que cada falante lhe atribuir. Para Krieger (2006b, p. 145) “o léxico é um componente multifacetado em constante mobilidade”, pois:

Tudo muda; tudo está em processo de definição e de redefinição; até mesmo as concepções que temos das coisas. Consequentemente, a língua também é instável e variável, ajustando-se a cada contorno sociocognitivo dos contextos em que têm lugar as ações de linguagem que empreendemos (ANTUNES, 2012, p. 28).

Portanto, como o léxico é permanentemente renovável, ele necessita de uma ciência específica que possa atender às suas demandas. Essa ciência, ou melhor, essas ciências, denominadas “ciências do léxico”, são: Lexicologia e Lexicografia; Terminologia e Terminografia; Fraseologia e Fraseografia. Neste trabalho, nosso foco será a Lexicografia, que tem por objetivo registrar o léxico da língua, elaborando dicionários.

1.2 LEXICOGRAFIA

A Lexicografia, inicialmente, era somente uma arte artesanal responsável pela confecção de dicionário, tendo, portanto, uma conotação prática. Posteriormente, passou a ser encarada como ciência.

Como descrito por Seabra (2011, p. 29), até a metade do século XX o termo lexicografia se definia como “a arte de compor dicionários”. Depois, com o crescente interesse dos linguistas, é que essas obras passam a ser objetos de estudo. De acordo com Seabra (2011, p 29 e 30),

[...] foi na Espanha, no prólogo escrito por Ramón Menéndez Pidal para o *Diccionario Vox*, dirigido por Samuel Gili Gaya (1945) e, também, na obra *Introducción a la lexicografía moderna* (1950), de Julio Casares, que se abriram os caminhos para essa transformação, que começa a se consolidar em um congresso realizado em 1960 na Universidade de Indiana (EUA), onde se reuniram linguísticas e lexicógrafos. Desde então, paralelamente à prática lexicográfica, foi-se fazendo, cada vez mais presente, com o avanço dos estudos linguísticos, a prática teórica.

A palavra Lexicografia denomina duas atividades que tem a obra lexicográfica como centro de estudo. Uma se ocupa do saber teórico a respeito do “fazer” dicionário, toda a metodologia para produzi-lo; a outra, sobre a produção dessa obra na prática. A essas duas visões – teórica e prática - dá-se o nome de Lexicografia teórica (ou Metalexigrafia) e Lexicografia prática, respectivamente.

Em Welker (2011, p 30 e 31), vamos encontrar a seguinte explanação:

Em geral, a palavra *lexicografía* refere-se a duas atividades distintas, as quais, obviamente, resultam em produtos diferentes. Essas duas subáreas costumam ser designadas pelos termos *lexicografía práctica* e *lexicografía teórica*. Na lexicografía práctica, a atividade é a elaboração de dicionários, e os produtos são os dicionários. Essa atividade foi considerada – por certos autores – uma “ciência”, uma “técnica”, uma “prática” ou mesmo uma “arte”. Já na lexicografía teórica, cada vez mais chamada de metalexigrafia, estuda tudo o que diz respeito a dicionários. Essa área, sim, pode ser considerada uma ciência (na primeira das acepções citadas). Seus produtos são os conhecimentos adquiridos e divulgados.

A terminologia ainda não encontra consenso entre os estudiosos da área; há autores que ainda usam a palavra “lexicografia” para se reportar tanto à teoria quanto à prática lexicográfica; mas a distinção terminológica apontada por Welker (2011) prontamente vem sendo utilizada pela literatura da área, principalmente por autores estrangeiros. De uma maneira geral, o lexicógrafo é o responsável pela produção da obra lexicográfica, e o metalexicógrafo é o especialista que apresenta as teorias sobre essa ciência contando a história, fazendo críticas e sugestões sobre tipologia e usos.

A Metalexigrafia e a Lexicografia possuem classificações e subdivisões, pois a produção de dicionários passou a ter múltiplos propósitos e a visar diferentes

consultentes. Temos, com isso, distintos dicionários para diversas finalidades, incluindo obras destinadas ao ensino, como nos mostra a lexicografia pedagógica, que apresentaremos no próximo tópico.

1.2.1 Lexicografia pedagógica

O termo “lexicografia pedagógica” é usado para designar uma preocupação com os dicionários didáticos que tem a finalidade de auxiliar aluno e professor no processo de ensino-aprendizagem da língua.

A mesma polêmica que envolve a lexicografia também provoca discussões na definição de “lexicografia pedagógica”; falta consenso em definir o que é didático, pedagógico ou escolar. Não obstante, não se discute o valor dos dicionários como instrumento na aprendizagem tanto na recepção quanto produção da linguagem.

Krieger e Welker (2011, p. 103) afirmam que:

A lexicografia pedagógica é uma área de estudo relativamente nova, ainda muito pouco conhecida no Brasil. No entanto, vem crescendo em razão da importância do papel dos dicionários para a aprendizagem de línguas. [...] seu foco reside no estudo das várias faces que constituem e envolvem os dicionários destinados à escola, relacionados ao ensino quer de primeira, quer de segunda língua. [...] é motivada pela consciência do potencial didático dos dicionários [...].

No campo de ensino de línguas estrangeiras, há uma maior tradição nessa área, pois o uso dos dicionários sempre foi mais efetivo e assim estudos para desenvolvimento de dicionários pedagógicos foram mais determinantes. O grande desafio da lexicografia pedagógica no campo de ensino da língua materna é mostrar que o dicionário não é apenas uma obra de consulta pontual de significado ou ortografia, mas efetivamente um instrumento para o ensino.

A lexicografia pedagógica leva em conta as necessidades dos aprendizes na hora de uma consulta, buscando adequar o dicionário aos diferentes níveis de ensino, com definições compreensíveis, ilustrações, indicação de exemplos de uso, pronúncia. Na produção de dicionário, não se deve esquecer de atender à diversidade do consultante, suas necessidades e desafios de aprendizagem.

Na opinião de Krieger e Welker (2011, p. 109):

O princípio fundamental que norteia a lexicografia pedagógica é o seguinte: na elaboração de dicionários pedagógicos, devem ser levadas em conta as reais necessidades e as habilidades dos usuários, o que significa que devem ser produzidos dicionários diferentes para aprendizes com níveis deferentes de competência linguística.

Com isso, o que vemos hoje são diversas obras com diferentes funcionalidades e conceitos atendendo a vários campos para contribuir com o aprimoramento do léxico e o desenvolvimento da linguagem, pois as obras lexicográficas, consideradas pedagógicas, buscam simplificar a consulta aos usuários, fornecem informações objetivas e previnem eventuais erros comuns.

Além disso, esses dicionários trazem marcas linguísticas direcionadas ao aluno, o qual se vê em uma situação de uso com o texto. Esse aspecto de diálogo com o consulente faz com que o estudante se sinta integrado, assegurando maior entendimento sobre o que pesquisa.

Para entender o objeto da lexicografia, apresentaremos no próximo item o dicionário.

1.3 O DICIONÁRIO



FIGURA 1 – Mafalda e o dicionário
Fonte: NOGUEIRA, 2010

A palavra dicionário vem do latim:

[...] dictionarium ou dictionarius, repertório de dictio, que se pronuncia "dício", pois esse "t" tem som de "s" em latim. É por isso que em português se escreve dicionário, com "c", de som equivalente ao do "s". O dictionarium da antiga Roma não era de verbetes, como os de hoje, mas, sim, de

expressões, frases, daquilo que era dito e como era dito. O primeiro dicionário de que se tem registro é chinês, feito por Hou Chin, em 150 a.C. No alvorecer do século XVI surgiu o primeiro dictionarium de várias línguas, cuja língua-base era o latim, obra do humanista italiano Ambrogio Calepino (1440-1510) (DICIONÁRIO..., 2016, grifos do autor).

Ao procurarmos a definição do verbete “dicionário” em algumas obras, encontraremos as seguintes definições:

Livro que registra um conjunto extenso de vocábulos ou expressões dispostos alfabeticamente, com os respectivos significados ou sua equivalência em outro idioma [Do lat. mediev. *dictionarium* ou *dictionarius* (possiv. pelo fr. *dictionnaire*).] (BECHARA, 2011b, p. 524).

Já Borba (2011a, p. 437) afirma que dicionário é “obra que contém, parcial ou totalmente, os vocábulos de uma língua, dispostos por ordem alfabética, com seu significado e principais traços, na mesma língua ou em outra”.

Outra explicação interessante está no dicionário Aulete on-line:

sm.

1. Obra que reúne, em ordem alfabética, as palavras de uma língua ou termos referentes a uma matéria específica, e descreve seu significado, uso, etimologia etc., na mesma língua ou em outra (dicionário de cinema / de inglês);
2. O conjunto das palavras ou termos reunidos nessa obra;
3. Livro ou outro suporte que contém tais informações.

Diante dessas definições, podemos concluir que o dicionário é um livro que congrega as palavras com os seus devidos significados ou sua tradução, no caso dos bilíngues. Por ser uma obra de consulta, pode ajudar o consulente nas dúvidas de ortografia, significação, etimologia, regência, etc.; entretanto há a necessidade de ponderar que na produção de uma obra lexicográfica existe um “discurso” subjacente que tenta instituir uma norma linguística. Conforme as escolhas das palavras que integrarão a obra, o lexicógrafo deixará marcada sua ideologia, ou seja, como ele prioriza regionalismos, se inclui palavrões ou estrangeirismos, o que considera linguagem culta ou coloquial. Ao consultar uma obra lexicográfica, o usuário precisa estar ciente de que ela não é neutra ideologicamente.

Os dicionários modernos surgiram por volta do século XV, na Europa, com o objetivo de estabelecer equivalências entre palavras do latim e de línguas modernas como o espanhol, francês e português. Entretanto eles já existiam em

formato de listas de palavras desde a Antiguidade, quando surgiu a necessidade de explicar palavras ou conceitos.

No período renascentista, os dicionários de língua são denominados *thesaurus*. No século XVII, intensifica-se a publicação de dicionários monolíngues e plurilíngues. No século XVIII, começa a ter evidência a lexicografia portuguesa. No século XIX, há um expressivo aumento na qualidade de produção das obras. É nesse século que a Larrousse seria publicada em dezessete volumes. O século XX é um marco na produção de obras lexicográficas; no Brasil, surgem as obras de Aurélio, Michaelis, Houaiss.

Com o avanço tecnológico, houve uma revolução dentro da ciência da lexicografia. A tecnologia modificou a maneira como os dicionaristas produzem os dicionários. Hoje, parte deste trabalho pode ser feita com a ajuda de computadores. O acesso à tecnologia também alterou a maneira de consulta pelos consulentes. Os usuários têm a oportunidade de consultar dicionários eletrônicos enquanto cumprem tarefas como redigir ou ler textos, mandar mensagens eletrônicas ou qualquer outra tarefa cujo acesso ao computador seja facilitado. Uma característica marcante dos dicionários *on-line* é sua apresentação gráfica, cheia de cores para destacar componentes dos verbetes e sua maior vantagem é a facilidade de buscar palavras – um só clique e o usuário tem o verbete na tela sem ter que folhear o dicionário na busca alfabética pela entrada. Porém o problema desse tipo de consulta é que muitos usuários ainda não dispõem de meios financeiros para adquirir computadores ou não têm acesso a eles. E quando têm acesso, não dominam completamente as ferramentas de busca, o que acarreta uma consulta inadequada, pois a falta de conhecimento implica uma pesquisa desordenada e por vezes sem embasamento científico.

Há vários tipos de dicionários: monolíngue, bilíngue, temáticos, etimológicos, escolar, infantil, de gírias, etc. Cada um cumprindo um objetivo específico e atendendo a um público determinado. Apesar dessa diversidade, o mais popular é o monolíngue.

O dicionário é formado basicamente de duas partes: macroestrutura e microestrutura. O conjunto ordenado de todas as entradas lexicais ou lemas constitui a macroestrutura. A microestrutura consiste no texto do verbete, que é o conjunto de informações a respeito de cada entrada lexical, com relações semânticas, informação detalhada no que tange à palavra-entrada, comentários a respeito de

suas propriedades formais (ortografia, pronúncia, gramática, definição, uso, etimologia).

Como microestrutura, temos o verbete que: tem como eixos básicos a definição da palavra em epígrafe e a ilustração contextual desse mesmo vocábulo, quer através de abonações por contextos realizados na língua escrita ou oral, quer através de exemplos. Quanto à ilustração contextual (e/ou abonação) ela é essencial para explicitar claramente o significado e/ou uso registrado na definição (BIDERMAN, 2001, p. 18 *apud* DIAS, 2003).

Para encontrar um verbete no dicionário, que está disposto em geral em ordem alfabética, existe a ajuda das palavras-guia, que estão localizadas na parte superior das páginas. As palavras-guia são a primeira e a última palavra existente naquela página, saber a sua função ajudará a realizar uma busca mais rápida.

Acepções são as definições dos vários significados da palavra entrada; cada uma vem indicada por números arábicos em negrito.

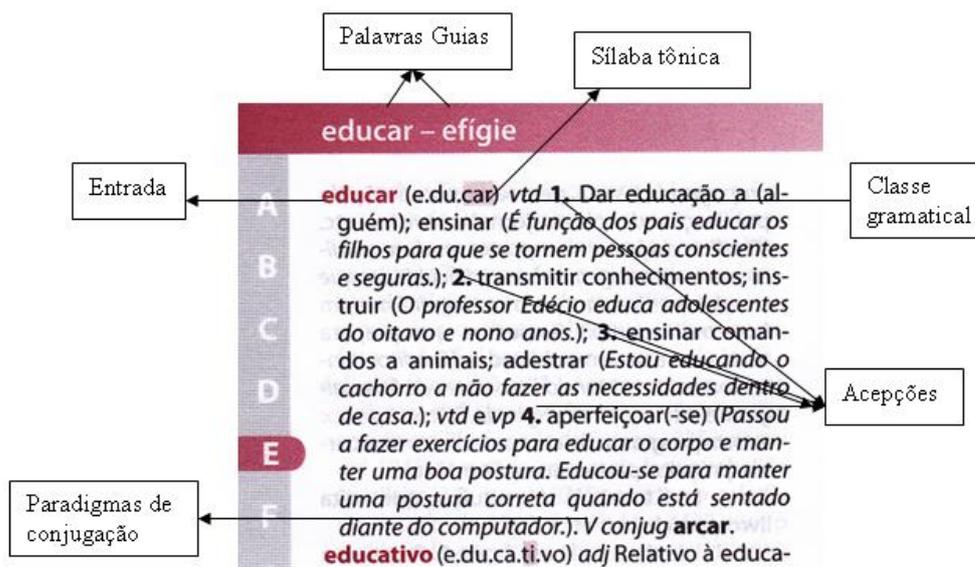


FIGURA 2 – Verbetes

Fonte: Adaptado de SARAIVA; OLIVEIRA, 2010

Os dicionários gerais contemporâneos ainda continuam fazendo o que as listas de antigamente faziam, ou seja, indicam o maior número de informações sobre uma determinada palavra, mesmo que um falante não precise de todos os significados no seu dia a dia, mas aquelas informações são importantes para a identidade do grupo linguístico.

Ninguém se depara, no uso cotidiano de uma língua, com todas as suas palavras. Nenhum falante é capaz de empregar [...] reconhecer e compreender todas as palavras de sua língua, nem dominar todos os recursos de comunicação de que dispõem. Mas é essa experiência individualmente limitada com os vocábulos que nos permite apreender sua natureza e estrutura e entender de que maneira funcionam, em nossa língua, os mecanismos que nos permitem criar e utilizar palavras (BRASIL, 2006, p. 16).

Por outro lado, para utilizar uma palavra, não basta saber todos os seus significados; é fundamental conhecer o contexto de aplicação dela, pois as palavras se unem e possibilitam novas configurações linguísticas. Seu sentido será definido também pela intenção do falante.

Em toda a linha do texto, as palavras vão formando elos que possibilitam a configuração lingüístico-cognitiva de uma unidade semântica. Não é o sentido particular de cada palavra que confere unidade ao texto. É a rede de sentidos criada, explícita ou implicitamente, pelas palavras presentes à linha do texto. Uma remetendo a outra, anterior ou posterior, próxima ou distante. Uma condicionando a outra ou pressupondo a outra; uma dando acesso a outra ou associando-se a outra (ANTUNES, 2012, p. 40).

Por isso, o bom dicionário é aquele que, além do levantamento das palavras da língua e sua descrição, forneça também as informações de suas funções e relações. Elas servirão para subsidiar o consulente, diminuindo a distância entre o seu vocabulário e o recurso lexical oferecido pela língua.

Na elaboração de um dicionário, são utilizados métodos desenvolvidos pela lexicografia durante anos de pesquisas e estudos. O consulente deverá encontrar nessas obras o que procura, por outro lado as informações ali contidas não podem ser vistas como verdades absolutas, pois:

[...] as informações reunidas pelo dicionário, tanto no que afirma sobre as coisas quanto no que explica sobre a língua, não são produzidas pelo dicionarista, mas *recolhidas* por ele na cultura de que todos participamos e traduzidas ou *transpostas* (BRASIL, 2006, p. 22-23, grifos do autor).

Todo e qualquer dicionário segue um projeto lexicográfico que é a determinação do seu público-alvo, seus objetivos, que tipo de informação irá registrar e como serão registradas, o nível de linguagem e a forma gráfica. Tudo isso para que os dados ali contidos sejam mais bem aproveitados pelos usuários.

Fazer um dicionário é um assunto sumamente laborioso que requer, além de capacidades científicas tão espetaculares como agudeza de espírito, fantasia, coerência e juízo crítico, muitas virtudes discretas, aparentadas

com as dos artífices, como paciência, assiduidade, constância, precisão nos pormenores e – por último mas não em ínfimo lugar – uma grande paixão de colecionador (WEINRICH, 1979, p. 314 *apud* BEVILACQUA; FINATTO 2006, p. 45).

Somente o uso constante e consciente das obras lexicográficas é que desenvolverá no usuário a proficiência para extrair o máximo de informação existente nessas obras. Essa proficiência deve ser adquirida na escola. Com o uso frequente deste material didático, o léxico do aluno ampliará e, se ele souber fazer a consulta à obra de forma sistematizada, compreenderá que o processo de produções oral e escrita abrange movimentos de elaboração de significados com substituições constantes. Segundo Coroa (2011, p. 67):

Na produção de textos, por exemplo, “escolher a palavra certa” implica situar-se, a si e a seu interlocutor, num lugar específico, que tem implicações discursivas e, conseqüentemente, sociais e ideológicas. Visto assim, como integrante de práticas discursivas, o dicionário constitui-se em produtivo instrumento do fazer linguístico: é mais um dos elementos simbólicos de que cidadãos leitores e produtores de textos dispõem para construir, e reconstruir, redes de significações e constituir sujeitos.

Ele é importante para o aluno perceber os inúmeros significados das palavras, “ajudam o aluno a ler, escrever, a expressar-se bem, oferecendo-lhe informações sistematizadas sobre o léxico, seus usos e sentidos, bem como sobre o componente gramatical das unidades que o integram” (KRIEGER, 2006a, p 236). Ao aprender novos vocábulos, o aluno passa a desenvolver a capacidade de elaborar novos conceitos:

Essas habilidades que darão ao aluno independência de pensamento na constituição e leitura de textos que compõem nosso mundo social; essas são habilidades que conduzem à formação crítica do cidadão. [...] Nesse enfoque de prática discursiva, ao assimilar novos significados por meio do dicionário, o aluno não apenas poderá usá-lo na busca de maiores conhecimentos como também aprenderá a conhecer melhor os processos significativos da linguagem e as implicações de suas escolhas linguísticas (COROA, 2011, p. 71-72).

Abordaremos no próximo item a importância do dicionário como material didático para ampliação de vocabulário.

1.4 A IMPORTÂNCIA DO DICIONÁRIO COMO MECANISMO DE ESTUDO

Todo falante, com maior ou menor frequência, recorre a um dicionário em algum momento da sua vida: para sanar dúvidas ortográficas, de regência, morfológicas ou semânticas. Ele pode estar em casa, esquecido ou perdido numa gaveta, no escritório, como adorno, empoeirado. Na escola, na produção de texto, essencialmente, é preciso escolher as palavras certas para dar sentido ao que queremos dizer. Dessa forma, o dicionário é um suporte para as nossas práticas discursivas.

A utilidade dessa obra lexicográfica é tão evidente que dificilmente as pessoas se perguntam que tipo de livro é ou para que serve. No entanto se fosse necessária uma resposta, teríamos dificuldades em responder, sobretudo, com uma definição tão incontestável como as que encontramos em tais livros.

Mesmo assim, eles são deixados de lado quando o tema é o ensino do léxico. Vários autores já evidenciaram a importância deles. Krieger e Rangel (2011, p. 135) afirmam que:

[...] a língua é uma questão de identidade nacional e o dicionário de língua consiste na única obra que sistematiza e legitima o léxico de um idioma, funcionando como uma espécie de cartório de palavras, e ainda como instrumento de autoridade que fixa padrões lingüísticos.

Meirelles (*apud* ANTUNES, 2012, p. 149-150) ainda acrescenta:

O Dicionário é o mais democrático dos livros. Muito recomendável, [...] na atualidade. [...] o que governa é a disciplina das letras. Barão vem antes de conde, conde antes de duque, duque antes de rei. Sem falar que antes do rei também está o presidente. O Dicionário responde a todas as curiosidades, e tem caminhos para todas as filosofias. Vemos as famílias de palavras, longas, acomodadas na sua semelhança, — e de repente os vizinhos tão diversos! Nem sempre elegantes, nem sempre decentes, — mas obedecendo á lei das letras, cabalística como a dos números... O Dicionário explica a alma dos vocábulos: a sua hereditariedade e as suas mutações.

Lara (1992, p. 20 *apud* FRIEDRICH, 2009, p. 1) comenta que “o dicionário representa a memória coletiva da sociedade e é uma das suas mais importantes instituições simbólicas”.

O dicionário não é a simples coletânea do léxico de uma comunidade linguística ordenada alfabeticamente. Ele é um texto e possui regras de organização

como a macroestrutura e a microestrutura. Para se produzir uma obra dessa envergadura, é necessária uma competência especial a respeito de fatos linguísticos e metodologia específica.

Como depositário da cultura de uma época, o dicionário não apenas descreve, mas também registra a norma social dessa época, com seus valores, suas interdições, as suas marcas de uso, à qual os sujeitos falantes devem se submeter. É com base nessa norma que os membros de uma comunidade julgam socialmente o comportamento uns dos outros: alguns são aceitos, outros descartados ou condenados. Nesse sentido o dicionário não é nem puramente descritivo, nem puramente normativo. É, antes de tudo, uma obra didática (CANO; PRADO, 2006, p. 265).

A linguagem que usamos nos permite revelar o grupo social a que pertencemos, a pronúncia das palavras, conjugação dos verbos, entonação e o léxico empregado. O léxico “denuncia” nossa origem. Corroborando essa ideia, Antunes (2012, p. 47) afirma que “as palavras têm a cor, o cheiro, o gosto da terra em que circula, da casa em que habitam. O dicionário é apenas o espaço onde elas esperam que as apanhemos para levá-las até nossas moradas”.

Uma pessoa quando procura uma determinada palavra no dicionário deseja a autorização para utilizar aquele vocábulo, pois se está nesse tipo de obra, ela existe, se não está não existe. Ele torna-se o veículo de legitimação do saber sócio-cultural e científico adquirido, que deve ser assimilado e transmitido. Exerce a função de autoridade de referência em relação ao léxico e seus significados conhecidos socialmente.

[...] o dicionário é o lugar formal e unitário de registro do componente léxico de um idioma. [...] constitui-se em paradigma lingüístico modelar dos usos e sentidos das palavras e expressões de uma coletividade lingüística, desempenhando o papel de código normativo da língua. É nessa mesma esteira que o dicionário adquire o estatuto de instância de legitimação do léxico, [funcionando] como uma espécie de cartório de registros, é ele que concede à palavra sua certidão de nascimento e, dessa forma, institucionaliza o conjunto léxico das línguas. [...], o dicionário goza de uma autoridade que não é menor nas sociedades de cultura que, inclusive, o entendem como instrumento da “verdade lingüística”, logo, inquestionável (KRIEGER, 2006b, p. 142, grifos do autor).

Percebendo a relevância desse tipo de material, os dicionários voltaram às políticas oficiais de materiais didáticos. Essa política de tratamento do material didático será abordada no próximo tópico, além de apresentar os tipos de dicionário existente de acordo com a classificação do MEC.

1.5 O MEC E A ADOÇÃO DO DICIONÁRIO COMO MATERIAL DIDÁTICO

Em 2000, por meio do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, o MEC adotou, como política pública, a distribuição de dicionários para as escolas. Na época, foram distribuídos “minidicionários”. Os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental receberam um exemplar escolhido pelos professores com base nas resenhas do *Guia de Livros Didáticos – Dicionários*.

Em 2006, os minidicionários por substituídos por diferentes títulos de dicionários. Eles foram organizados em três acervos, voltados a alunos de distintos níveis de ensino-aprendizagem. Com características próprias, eles foram diversos na quantidade e no tipo de registro, bem como na maneira de explicar os seus significados para facilitar o uso. Essa classificação foi importante para que a obra coincidissem com as reais necessidades de aprendizagem do léxico dos alunos, uma vez que cada material didático contribuiu de maneira diferente no processo de aprendizagem.

Em 2012, o MEC enviou para as escolas quatro acervos de dicionários escolares. Esse acervo é o resultado da seleção de obras avaliadas pelo PNLD Dicionários 2012, coordenado pela Faculdade de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Cada um desses acervos reúne obras destinadas a várias etapas de ensino.

- TIPO 1 – para o 1º ano do ensino fundamental;
- TIPO 2 – para 2º ao 5º ano do ensino fundamental;
- TIPO 3 – anos finais do ensino fundamental;
- TIPO 4 – para o ensino médio.

Os objetivos dos dicionários dos tipos 1 e 2 são introduzir e familiarizar o aluno com esse gênero. Os dos tipos 3 e 4 já se aproximam dos modelos de dicionário padrão. A função desses acervos é colaborar com o processo de ensino e aprendizagem e desenvolver a competência lexical dos alunos.

| Tipos de dicionários | Etapa de ensino | Caracterização |
|-----------------------|------------------------------------|---|
| Dicionários de Tipo 1 | 1º ano do Ensino Fundamental | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Mínimo de 500 e máximo de 1.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica adequada às demandas do processo de alfabetização inicial. |
| Dicionários de Tipo 2 | 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Mínimo de 3.000 e máximo de 15.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário. |
| Dicionários de Tipo 3 | 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão de uso escolar, porém adequada a alunos dos últimos anos do ensino fundamental. |
| Dicionário de Tipo 4 | 1º ao 3º ano do Ensino Médio | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Mínimo de 40.000 e máximo de 100.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica própria de um dicionário padrão, porém adequada às demandas escolares do ensino médio, inclusive o profissionalizante. |

FIGURA 3 - Tipologia de obras escolares do PNLD-Dicionários
 Fonte: BRASIL, 2012, p. 19

1.5.1 Dicionários do TIPO 1

Os dicionários do **tipo 1** são voltados para os alunos do ciclo inicial de alfabetização, crianças de 6 a 8 anos. Essas crianças estão se envolvendo pela primeira vez em práticas de letramento. É formado por obras que foram pensadas para estudantes em processo de alfabetização. Trazem cerca de 1.000 palavras, selecionadas dentro de **campos temáticos** relacionados ao cotidiano infantil, como ambiente doméstico, escola, higiene e saúde, alimentos, divisões do tempo, brincadeiras e jogos etc. Usam definições oracionais, como um pequeno enunciado expositivo com linguagem simples e coloquial, dirigindo-se diretamente à criança, de forma muito semelhante às definições informais em língua oral. Os dicionários **tipo 1** são fartamente ilustrados como forma de complementar as definições e também motivar o aluno. Os desenhos colaboram para a explicação dos sentidos aproximando-se de uma atividade lúdica.

Ainda que sejam indicados para alunos em fase de alfabetização, esse acervo pressupõe usuários que dominam o princípio alfabético.

Três títulos compõem os dicionários do tipo 1:

1. Bechara, Evanildo. Dicionário infantil ilustrado Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. [1.000 verbetes]
2. Biderman, Maria Tereza Camargo & Carvalho, Carmen Silvia. Meu primeiro livro de palavras; um dicionário ilustrado do português de A a Z. 3 ed. São Paulo: Ática, 2011. [999 verbetes]
3. Geiger, Paulo (org.). Meu primeiro dicionário Caldas Aulete com a Turma do Cocoricó. 2 ed. São Paulo: Globo, 2011. [1.000 verbetes] (BRASIL, 2012, p. 23).

Esses acervos possuem um número limitado de palavras, pois têm como foco o vocabulário básico. Trazem verbetes de estruturas simples, com linguagem informal e exemplos de uso.

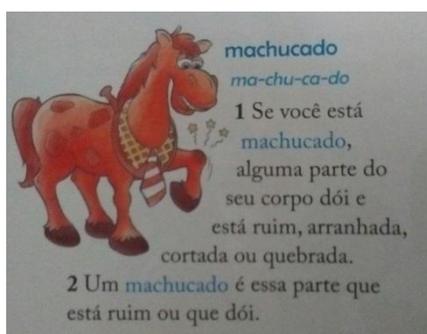


FIGURA 4 – Verbetes TIPO 1
Fonte: GEIGER, 2011c, p. 110

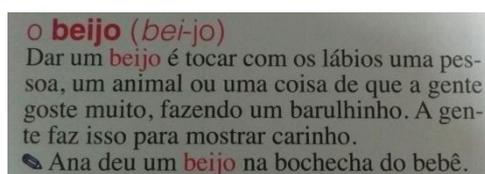


FIGURA 5 – Verbetes TIPO 1
Fonte: BECHARA, 2011c, p. 23

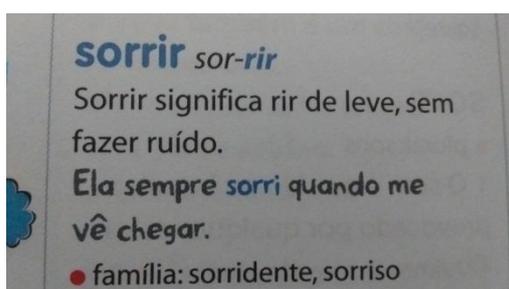


FIGURA 6 – Verbetes TIPO 1
Fonte: BIDERMAN; CARVALHO, 2011, p. 108

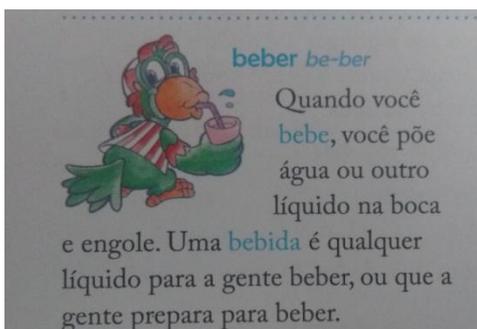


FIGURA 7 – Verbetes TIPO 1
Fonte: GEIGER, 2011c, p. 28

1.5.2 Dicionários do TIPO 2

Os dicionários do **tipo 2** são direcionados para o aluno dos anos finais da primeira fase do Ensino Fundamental. O objetivo é familiarizar o aluno com o dicionário padrão. Registram um número de verbetes entre 5900 e 14700. São bem diversos quanto ao projeto gráfico e à estruturação dos verbetes. Aproximam-se ora dos dicionários do tipo 1, ora do tipo 3, o que permite que o professor adote estratégias didáticas bem variadas.

Caracterizam-se pelo diálogo com a literatura infantil. Tem uma preocupação com o domínio da ordem alfabética e a reprodução integral do alfabeto nas margens direita. Os acervos do tipo 2 compõem-se de sete títulos:

1. Biderman, Maria Tereza Camargo. Dicionário ilustrado de português. 2 ed. São Paulo: Ática, 2009. [5.900 verbetes]
2. Borba, Francisco S. Palavrinha viva; dicionário ilustrado da língua portuguesa. Curitiba: Piá, 2011. [7.456 verbetes]
3. Braga, Rita de Cássia Espechit & Magalhães, Márcia A. Fernandes. Fala Brasil!; dicionário ilustrado da língua portuguesa. Belo Horizonte: Dimensão, 2011. [5.400 verbetes]
4. Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio ilustrado. Curitiba: Positivo, 2008. [10.243 verbetes]
5. Geiger, Paulo (org.). Caldas Aulete – Dicionário escolar da língua portuguesa; ilustrado com a turma do Sítio do Pica--Pau Amarelo. 3 ed. São Paulo: Globo, 2011. [6.183 verbetes]
6. Mattos, Geraldo. Dicionário júnior da língua portuguesa. 4 ed. São Paulo: FTD, 2011. [14.790 verbetes]
7. Saraiva, Kandy S. de Almeida & Oliveira, Rogério Carlos G. de. Saraiva Júnior; dicionário da língua portuguesa ilustrado. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2009. [7.040 verbetes] (BRASIL, 2012, p. 28).

Essas obras são para alunos já capazes de decodificar a escrita.

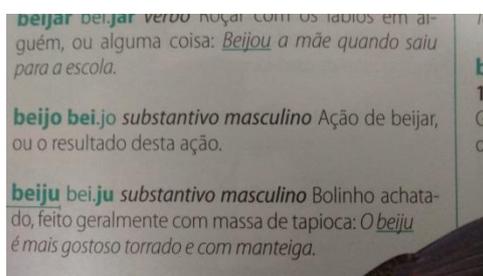


FIGURA 8 – Verbetes TIPO 2
Fonte: FERREIRA, 2008, p. 66

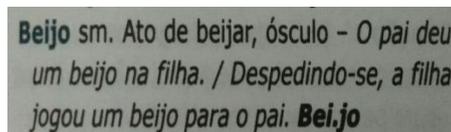


FIGURA 9 – Verbetes TIPO 2
Fonte: MATTOS, 2011, p. 89

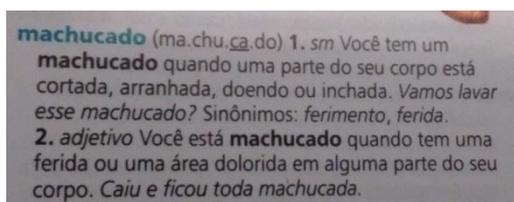


FIGURA 10 – Verbetes TIPO 2
Fonte: BRAGA, 2011, p. 253

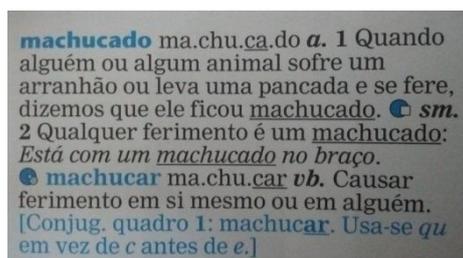


FIGURA 11 – Verbetes TIPO 2
Fonte: GEIGER, 2011a, p. 290

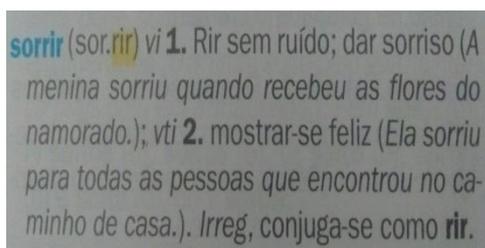


FIGURA 12 – Verbetes TIPO 2
Fonte: SARAIVA; OLIVEIRA, 2009, p. 392

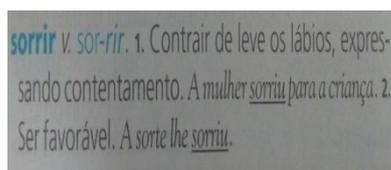


FIGURA 13 – Verbetes TIPO 2
Fonte: BIDERMAN, 2009, p. 287

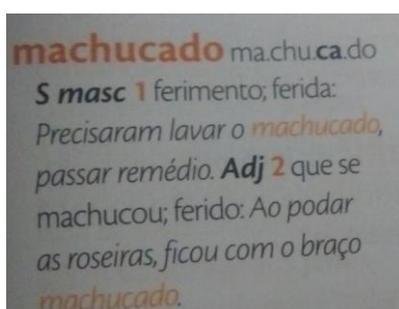


FIGURA 14 – Verbetes TIPO 2
Fonte: BORBA, 2011b, p. 265



FIGURA 15 – Verbetes TIPO 2
Fonte: BORBA, 2011b, p. 212

1.5.3 Dicionários do TIPO 3

Os do tipo 3 têm características típicas de minidicionários de usos geral. O objetivo é familiarizar o aluno com o gênero lexicográfico dos dicionários-padrão e fazer uma transição tranquila para as obras de uso geral. Registram entre 19.000 e 30.000 palavras, só recorrem a ilustrações funcionais, incluem todos os tipos de palavras e, algumas vezes, siglas, símbolos, afixos; têm uma estrutura de verbete mais complexa, trazem um maior número de informações linguísticas sobre as palavras registradas e usam uma linguagem simples, porém impessoal, o que em certas ocasiões torna-se incompreensível para o aluno. Para facilitar, às vezes, reproduz o alfabeto na margem das páginas. A seleção lexical é representativa do

português brasileiro contemporâneo, há guias de uso voltados para o jovem consulente, apêndices e informações complementares para suprir eventuais demandas escolares. Seguem os títulos:

1. Bechara, Evanildo (org.). Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras. 3 ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2011. [28.805 verbetes]
2. Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa. 2 ed. Curitiba: Positivo, 2011. [30.373 verbetes]
3. Geiger, Paulo (org.). Caldas Aulete – minidicionário contemporâneo da língua portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011. [29.431 verbetes]
4. Ramos, Rogério de Araújo (ed. resp.). Dicionário didático de língua portuguesa. 2 ed. São Paulo: SM, 2011. [26.117 verbetes]
5. Saraiva, Kandy S. de Almeida & Oliveira, Rogério Carlos G. de. Saraiva jovem; dicionário da língua portuguesa ilustrado. São Paulo: Saraiva, 2010. [19.214 verbetes] (BRASIL, 2012, p. 32).

Considerando o nível de ensino a que se destinam, todos esses títulos necessitam da mediação do professor. Para consultá-los, o aluno deverá vencer a relativa distância que se estabelece entre esse novo patamar lexicográfico e aquele dos dicionários de Tipo 1 e 2.

machucado (ma.chu.ca.do) *adj* 1. Que se machucou; que sofreu lesão física (*Saiu do jogo com o braço machucado.*); *sm* 2. contusão, ferimento (*O veterinário orientou os donos da cadela a limpar o machucado dela e aplicar nele remédio.*).

FIGURA 16 – Verbetes TIPO 3
Fonte: SARAIVA; OLIVEIRA, 2010, p. 665

machucado (ma.chu.ca.do) *adj*. 1. Que se machucou; ferido, contundido. 2. Amassado, esmagado, esmigalhado, deformado: *frutas machucadas.* 3. *fig* Que se magoou por se sentir injuriado ou ofendido: *O casal saiu machucado da relação.* • *s.m.* 4. Ferimento, contusão, lesão.

FIGURA 17 – Verbetes TIPO 3
Fonte: BECHARA, 2011a, p. 804

beijo (bei.jo) *s.m.* 1 Toque ou pressão feitos com os lábios com uma pequena aspiração: *Deu-me um beijo antes de sair.* 2 Gesto que se faz beijando o ar para cumprimentar alguém: *Do trem, mandou um último beijo para a namorada.* 3 Expressão usada para se despedir: *Tchau, um beijo!*

FIGURA 18 – Verbetes TIPO 3
Fonte: RAMOS, 2011, p. 113

beijo (bei.jo) *sm.* Toque dos lábios, com leve sucção, em pessoa, animal ou objeto, em sinal de amor, carinho ou respeito: *beijo de despedida.* [F.: Do lat. *basium*, *ii*.]

FIGURA 19 – Verbetes TIPO 3
Fonte: GEIGER, 2011b, p. 107

sor.rir *verbo intrans. e pronominal* 1. Rir sem ruído, apenas com leve contração dos músculos faciais. 2. Mostrar-se alegre: *Está sempre despreocupado, sorrindo.* *Trans. indir.* 3. Ser favorável: *Ganhou na loteria, a sorte lhe sorriu.* 4. Zombar, troçar. [Conjugação: *rir*.]

FIGURA 20 – Verbetes TIPO 3
Fonte: FERREIRA, 2011, p. 824

sorrir (sor.rir) *v.* 1 Fazer uma expressão risonha ou irônica com os lábios. [*int.*: *É muito simpática, vive sorrindo.* *ti.* + *para*: *Enfim o menino sorriu para alguém.*] 2 *Fig.* Mostrar-se contente ou alegre; ALEGRAR-SE. [*int./pr.*: *Sorriu(-se) com a notícia.*] 3 *Fig.* Expressar alegria, como um sorriso. [*int.*: *Seus olhos sorriam de contentamento.*] 4 *Fig.* Ser favorável a; FAVORECER. [*ti.* + *a, para*: *...a fortuna começava a sorrir para mim...*] (Joaquim Manuel de Macedo, *O moço loiro*.) 5 Zombar discretamente. [*ti.* + *de*: *Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda...*] (Paulo Medeiros, *Sorris da minha dor*.) | ▶ 41 **sor.rir** • **sor.ri.so**

FIGURA 21 – Verbetes TIPO 3
Fonte: GEIGER, 2011b, p. 813

1.5.4 Dicionários do TIPO 4

Os dicionários do tipo 4 são direcionados aos alunos do ensino médio, pois exige um estudante mais autônomo que não necessite tanto da orientação do professor. Essas obras aproximam-se do dicionário padrão principalmente no rigor lexicográfico. Reúnem grande número de informações sobre as palavras com maior quantidade de acepções associada à classificação gramatical. Indicam sinônimos, antônimos e parônimos. Assinalam a pronúncia padrão e registram a classificação gramatical de cada vocábulo. Apresentam a conjugação e a transitividade dos verbos.

Os títulos do tipo 4 estão de olho no usuário adulto, envolvido com o uso profissional das palavras. Seguem os títulos:

1. Bechara, Evanildo. Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. [51.210 entradas (verbetes e locuções)]
2. Borba, Francisco S. Dicionário Unesp do português contemporâneo. Curitiba: Piá, 2011. [58.237 verbetes]
3. Geiger, Paulo (org.). Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011. [75.756 verbetes]
4. Houaiss, Antônio (org.) & Villar, Mauro de Salles (ed. resp.). Dicionário Houaiss conciso. São Paulo: Moderna, 2011. [41.243 verbetes] (BRASIL, 2012, p. 35).

Esses acervos devem ficar bem à vista dos alunos para poderem despertar o interesse e a motivação em manuseá-los e assim assimilarem a sua estruturação, somente assim o estudante descobrirá que mesmo obras semelhantes não apresentam um mesmo conjunto de vocábulos.

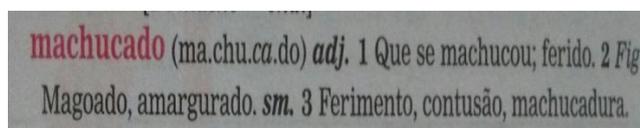


FIGURA 22 – Verbetes TIPO 4
Fonte: BECHARA, 2011b, p. 798

machucado (ma.chu.ca.do) *a.* **1 Med.** Que se machucou; que sofreu machucadura; FERIDO; CONTUNDIDO: *Minha perna ficou muito machucada.* **2 Fig.** Que se abateu, que se magoou, que sofreu (perda, tristeza, frustração etc.); amargurado: “*Machucado nos seus brios e de consciência tão atribulada como a de um galé*” (Alberto Rangel, *Fura-mundo*) **3** Amassado, reduzido a uma pasta (banana *machucada*) **4** Deformado por pressão ou golpes, amolgado *sm.* **5 Med.** Resultado da ação de machucar(-se); ferimento, contusão; MACHUCADURA: *O machucado no braço já sarou.* [F.: Part. de machucar.]

FIGURA 23 – Verbetes TIPO 4
Fonte: GEIGER, 2011d, p. 875

beijo *sm.* toque com lábios, com leve sucção, que exprime afeto ou reverência [ETIM: lat. *basium*, *ii* 'beijo (de amor ou de respeito)']

FIGURA 24 – Verbetes TIPO 4
Fonte: HOUAISS, 2011, p. 118

SORRIR *sor-rir* **vi** **1** fazer uma expressão risonha ou irônica por um leve movimento da boca e dos olhos: *Ao vê-la, o filho sorriu.* **2** ter um ar radioso: *Seus olhos sorriem.* **Vt** (+a/para) **3** endereçar um sorriso: *Sorriu para/a Ana, com certa cumplicidade.* **4** ser agradável, conveniente ou favorável: *Infelizmente, a sorte não lhe sorriu.* **Sm** **5** sorriso: *Ela fez uma careta que tomei por um sorriso.*

FIGURA 25 – Verbetes TIPO 4
Fonte: BORBA, 2011a, p. 1307

O uso adequado deste instrumento de aprendizagem aumentará o grau de letramento do aluno e aprofundará o funcionamento social da escrita.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para se realizar uma pesquisa científica, é necessária a definição de um método, que de acordo com Cartoni (2009, p. 23-24):

Trata-se da linha de raciocínio adotada no processo de pesquisa, ou [...] a maneira como serão resolvidos os problemas de pesquisa, de forma lógica e pautada nos conceitos da ciência. Os métodos científicos pressupõem ao menos uma forma de organização do raciocínio que será empregada na pesquisa. [...] Se o que distingue dos outros conhecimentos é a possibilidade de verificação dos seus resultados, é o método científico que permite sua comprovação [...].

A fim de atingir o objetivo principal desse trabalho, que é explicitar a importância do uso do dicionário em sala de aula como instrumento de aprendizagem da língua, estimulando seu uso em sala de aula, escolhemos realizar uma pesquisa bibliográfica e outro de campo com o intuito de fundamentar a necessidade dessa utilização. Com vistas a embasar a importância da pesquisa bibliográfica, trouxemos duas definições compiladas por Marconi e Lakatos (2010, p. 166, grifos do autor) que explicam a relevância desse tipo de pesquisa:

A bibliografia pertinente “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente” e tem por objetivo permitir ao cientista “o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações”.

Após a pesquisa bibliográfica, foi feita uma de campo nas escolas estaduais e municipais no município de Ibiporã/PR com o intuito de mapear o uso de dicionários em sala de aula. Esse levantamento foi essencial para o estudo, pois nos permitiu identificar as principais falhas na utilização desse material pelos alunos e professores, além de nos fornecer um parâmetro de como essa relação poderia ser aprimorada.

Ruiz (2006, p. 51) corrobora essa afirmação quando descreve as fases da pesquisa de campo:

Inicialmente, devemos realizar uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto em questão. Tal estudo nos informará sobre a situação atual do problema, sobre os trabalhos realizados a esse respeito e sobre as opiniões reinantes; permitirá o estabelecimento de um modelo teórico inicial de referência,

auxiliará no estabelecimento de variáveis e na própria elaboração do plano geral da pesquisa.

Optamos por utilizar o questionário, aplicado a professores de língua portuguesa da rede pública estadual e a professores da rede pública municipal, bem como a alguns alunos de um colégio estadual da cidade de Ibiporã – PR, pois esse levantamento atende de maneira adequada às expectativas do tema da pesquisa.

Segundo Welker (2008), as pesquisas a respeito do uso do dicionário podem ser divididas em três categorias: 1) enquetes (usando-se questionários) ou entrevistas nas quais se verificam as opiniões e atitudes dos usuários com relação aos dicionários; 2) estudos da utilização efetiva (real) de dicionários; por meio de algum tipo de observação; 3) estudos do efeito do uso do dicionário; que servem de base de opiniões sobre a vantagem ou desvantagem de se usar dicionários ou sobre os pontos positivos ou negativos de certos dicionários ou de determinados componentes.

A pesquisa científica apresenta, ainda, duas abordagens: quantitativa e qualitativa. A quantitativa, de acordo com Oliveira (2002, p. 115):

[...] significa quantificar opiniões, dados, nas formas de coleta de informações, assim como também com o emprego de recursos e técnicas e desvio padrão, até as de uso mais complexo, como coeficiente de correlação, análise de regressão etc. [...]. [Esse método] é muito utilizado no desenvolvimento de pesquisas descritivas, na qual se procura descobrir e classificar a relação entre variáveis, assim como na investigação da relação de causalidade entre os fenômenos: causa e efeito. [...] também é empregado no desenvolvimento de pesquisas de âmbito social, econômico, de comunicação, mercadológicas, de opinião, de administração, representando [...] uma forma de garantir a precisão dos resultados, e evitando com isso distorções de análise e interpretações.

Portanto, na pesquisa em curso, foi utilizada a abordagem quantitativo-descritiva, uma vez que, com os dados em mãos, tabulamos os resultados coletados, além de quantificar os atores da pesquisa, elencar os principais problemas no uso do dicionário em sala de aula e descrever esses problemas.

Ao final da pesquisa realizada, elaboramos um manual com o qual tentamos auxiliar o professor na utilização do dicionário com os alunos (APÊNDICE A).

A pesquisa realizada mostrou-se muito produtiva e nos trouxe resultados interessantes, resultados estes que abordaremos no próximo tópico.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 DA COLETA DOS DADOS

Um bom dicionário deve considerar seus usuários e suas necessidades. Para conhecer essas necessidades, o primeiro passo é traçar o perfil dos consulentes. Sendo assim, surgiram pesquisas para auxiliar os lexicógrafos a produzirem melhores dicionários, porém, nesta área não é somente um caso de melhor elaboração de um produto, mas também saber como esse produto é utilizado pelo “consumidor”. Na opinião de Welker (2008):

[...] no caso de dicionários, não se trata de observar, examinar ou analisar dicionários, e sim investigar o seu uso. Portanto, estão excluídos trabalhos em que o autor meramente opina sobre dicionários ou sobre sua utilização, inclusive fazendo críticas e/ou dando sugestões para melhorias.

Pesquisas a respeito do uso de dicionários têm que ocorrer com os próprios consulentes. Para a realização desse trabalho foram aplicados questionários a professores de língua portuguesa da rede pública estadual de ensino, professores da rede pública municipal (ANEXO C) e alguns alunos de um colégio estadual da cidade de Ibiporã/PR (ANEXO B). A aplicação desses questionários teve o intuito de verificar a utilização dos dicionários em sala de aula.

Os alunos selecionados são do 6º ano e 9º ano do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio. A escolha desses alunos para a pesquisa foi por abranger todo o período do PNLD – dicionários, dos moldes atuais.

Elaboramos, como primeira fase de coleta de dados, um questionário aplicado a professores e a alunos do 6º ano, do 9º ano do ensino fundamental e do 3º ano do ensino médio a respeito do uso de dicionários em sala de aula. Objetivamos com isso obter uma porcentagem de utilização ou não desse recurso na escola pública da cidade de Ibiporã/PR, com o intuito de constatar se discentes e docentes têm conhecimento dos diferentes tipos de dicionários disponíveis por meio do PNLD dicionários.

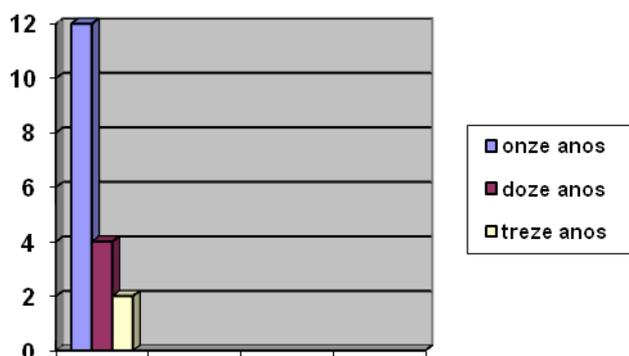
Apresentamos, em anexo, para consulta os questionários aplicados (ANEXOS A, B e C). Vale lembrar que os questionários elaborados seguiram as

técnicas próprias de elaboração e aplicação, confirmando sua validade e fidedignidade.

Para aplicação dos questionários, primeiramente, solicitou-se aos pais e às crianças/adolescentes os termos de consentimento e de assentimento para participação na pesquisa (ANEXOS D e E). Alguns pais não assinaram esses termos: dois alegaram “questão religiosa” e quatro não justificaram a não autorização.

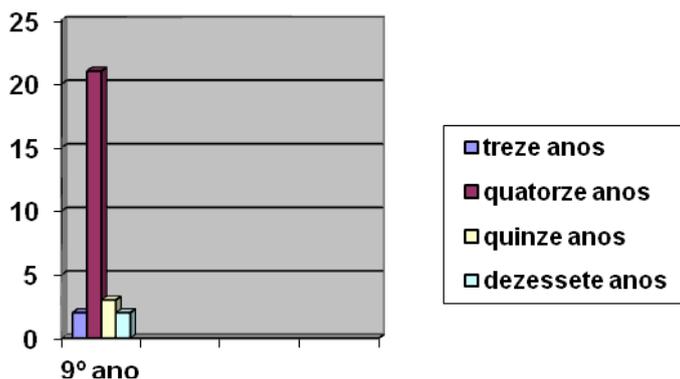
Inicialmente, apresentaremos alguns dados sobre os informantes.

A turma do 6º ano do ensino fundamental é do período vespertino. Possui 31 alunos matriculados, sendo que 29 estão frequentando regularmente. Desses 29 alunos, 6 pais não autorizaram a aplicação do questionário, 4 estudantes não devolveram os termos assinados e 1 não compareceu no dia da aplicação do questionário. Abaixo um gráfico discriminando a idade dos 18 informantes do 6º ano.



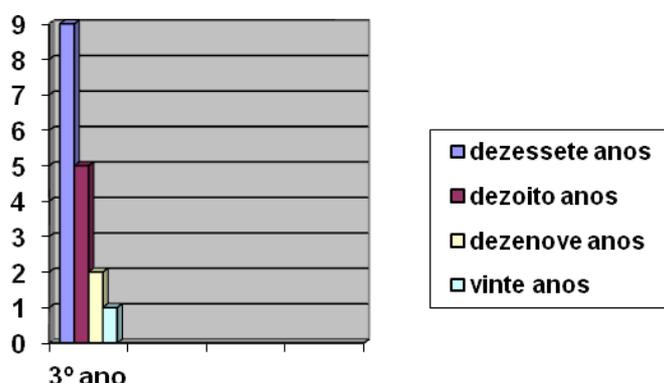
Como é possível observar, de um modo geral, os alunos estão dentro da expectativa da idade/série e são advindos das escolas municipais localizadas próximas ao colégio estadual.

Foram pesquisadas duas turmas do 9º ano do ensino fundamental do período matutino, num total de 82 alunos matriculados, sendo que 76 estão frequentando regularmente. Desses 76 alunos, 34 autorizaram a pesquisa, porém 6 faltaram no dia da aplicação do questionário. Abaixo, temos um gráfico que descreve a idade dos 28 informantes do 9º ano.



A maioria dos alunos do 9º está dentro da expectativa da idade/série. Eles são oriundos de turmas de 8º ano do próprio colégio. Esses estudantes demonstraram um grande desinteresse em colaborar com a pesquisa, por isso houve uma enorme dificuldade para se obter a adesão. As duas turmas estavam com problemas de comportamento e aprendizagem em quase todas as disciplinas, o que vinha acarretando constantes intervenções da equipe pedagógica e até mesmo reuniões com pais. Talvez por isso eles não tenham sido muito receptivos à aplicação dos questionários, mesmo após vários professores explicarem a importância de pesquisas para o desenvolvimento da educação.

A turma do 3º ano do ensino médio é do período matutino, possui 36 alunos matriculados e 31 estão frequentando regularmente. Desses 31 alunos, 18 autorizaram a pesquisa, 1 faltou no dia da aplicação do questionário. Abaixo, temos um gráfico sobre a idade dos 17 informantes do 3º ano.

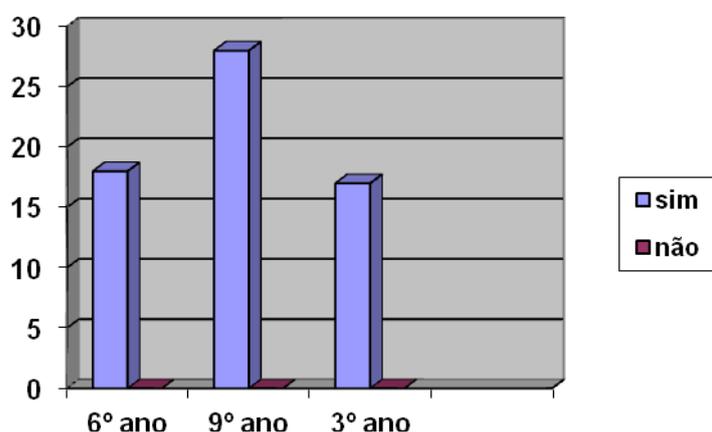


Pelos dados levantados, constatou-se que os alunos estão fora da expectativa da idade/série. É uma turma numerosa, uma vez que as salas de aula do colégio pesquisado têm possibilidade de comportar 35 alunos por turma de

ensino fundamental. Muitos dos alunos da turma não cursaram a fase final do ensino básico no colégio e são oriundos do ensino médio dos diversos colégios estaduais do município.

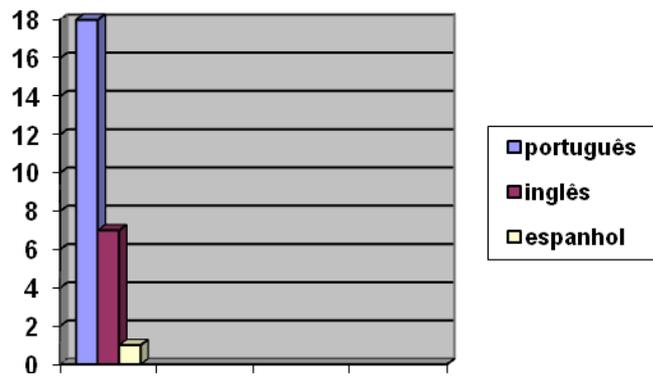
3.2 ANÁLISE DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

Comprovando a premissa de que todo falante, com maior ou menor frequência, faz uso desse tipo de obra lexicográfica no decorrer de sua vida, os gráficos abaixo apresentam os resultados das três turmas para a questão “Você já consultou um dicionário?”. Nessa pergunta, todos responderam positivamente.



Na pergunta seguinte, “Quais dicionários você conhece?”, as obras citadas foram as gerais, com pouca especificação de nomes, mas todas as respostas citaram “português”. Outro dado interessante é que, conforme se avançam os anos de estudos, os alunos apresentam um conhecimento mais amplo de diferentes obras lexicográficas.

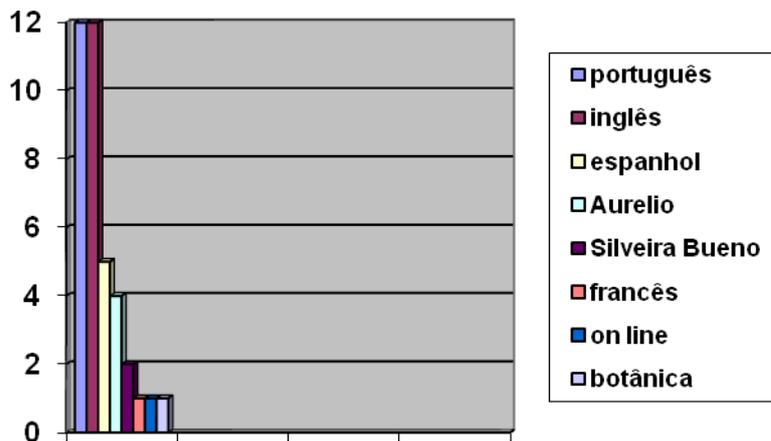
6º ano



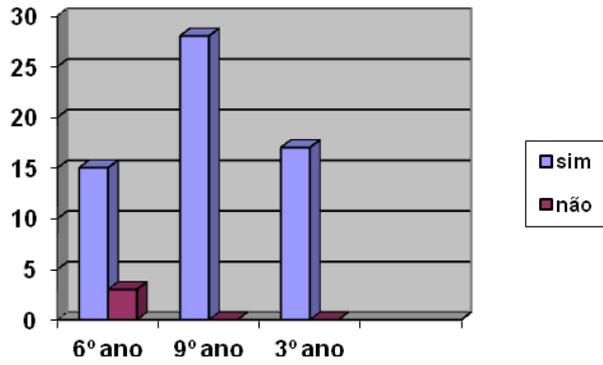
9º ano



3º ano

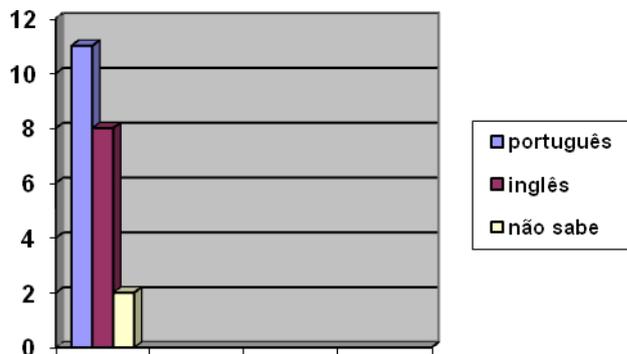


Para a pergunta “Você possui dicionário em casa?”, os resultados obtidos nas três turmas foram:

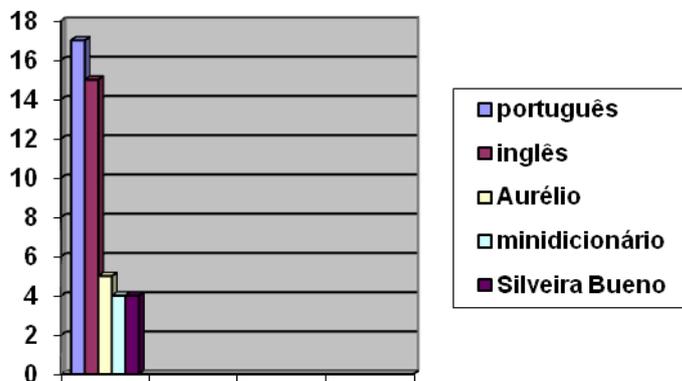


Essa quase totalidade de resposta “sim” pode ser justificada pelo fato de que essa obra é um item que faz parte da lista de material do colégio a ser adquirida no início de cada ano letivo; o dicionário que se tem em casa tanto pode ser o de língua portuguesa como o de língua inglesa, pois os dois fazem parte desta lista. Isso fica evidente na questão seguinte: “Qual dicionário você possui em casa?”.

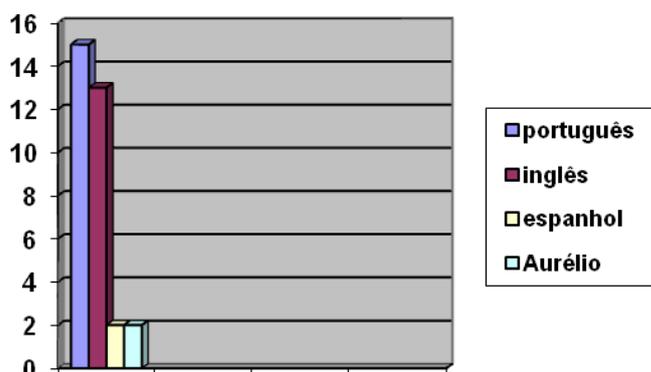
6º ano



9º ano

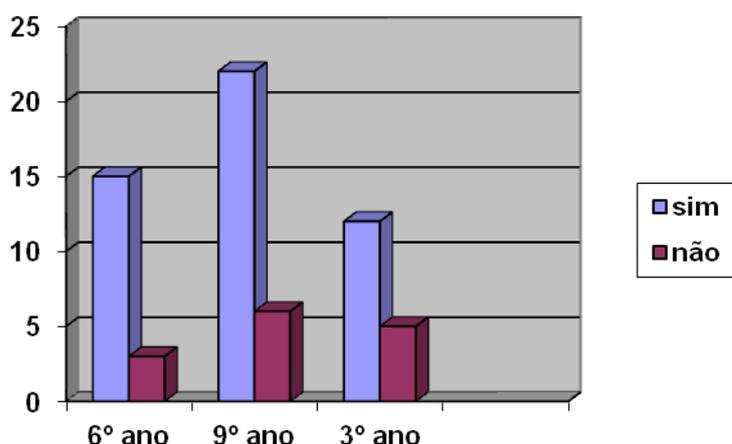


3º ano



Pela totalidade de respostas obtidas, 21 do 6º ano para 18 informantes, 45 do 9º ano para 28 informantes e 32 do 3º ano para 17 informantes, fica comprovado que cada aluno possui mais de um tipo de dicionário em casa.

Em relação à pergunta “Você costuma usar o dicionário?”, observa-se que poucos não o utilizam.

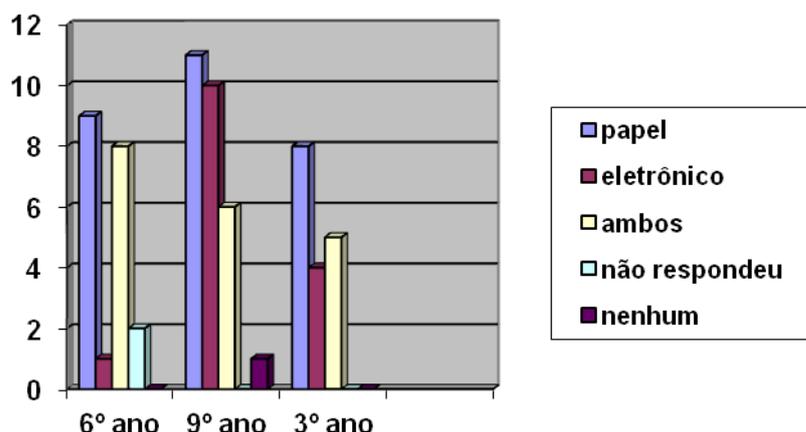


Há semelhança, inclusive, nas justificativas. Os alunos afirmam que pesquisaram ou pesquisam, no dicionário, palavras que desconhecem o significado ou que fazem uso deste instrumento para saberem como as palavras são escritas para evitar erro. Alguns utilizam para saber o significado de palavras da língua inglesa. Alguns alunos do 6º ano responderam que o utilizam para trabalhos de escola, sem especificar que tipos de trabalhos são esses; 2 que utilizam na aula de português. Já com os alunos do 9º ano, não se constataram respostas diferentes de “saber palavras do inglês e/ou pesquisar palavras desconhecidas”. Somente um aluno do 3º ano respondeu que utiliza dicionário para estudos em sala.

Diante dessas respostas, é possível constatar que o dicionário raramente é utilizado em sala de aula e que não é utilizado nas tarefas escolares.

Quando se perguntou se os alunos usavam o dicionário impresso ou eletrônico, algumas situações “interessantes” apareceram. Três alunos do 6º ano responderam que não “têm” o dicionário eletrônico, dois alunos do 9º ano responderam que não sabiam que existia um dicionário on-line.

Os pesquisados que responderam que utilizam o dicionário impresso disseram que é mais fácil ou mais rápido e houve algumas respostas dizendo que o eletrônico não possui todas as palavras buscadas ou que aparecem palavras erradas. Diante de tantas respostas incongruentes sobre o uso do dicionário eletrônico, é possível deduzir que os alunos não sabem utilizar um dicionário on-line ou não foram orientados a fazê-lo. Essa dificuldade não ficou evidenciada nas respostas dos alunos de 3º ano.

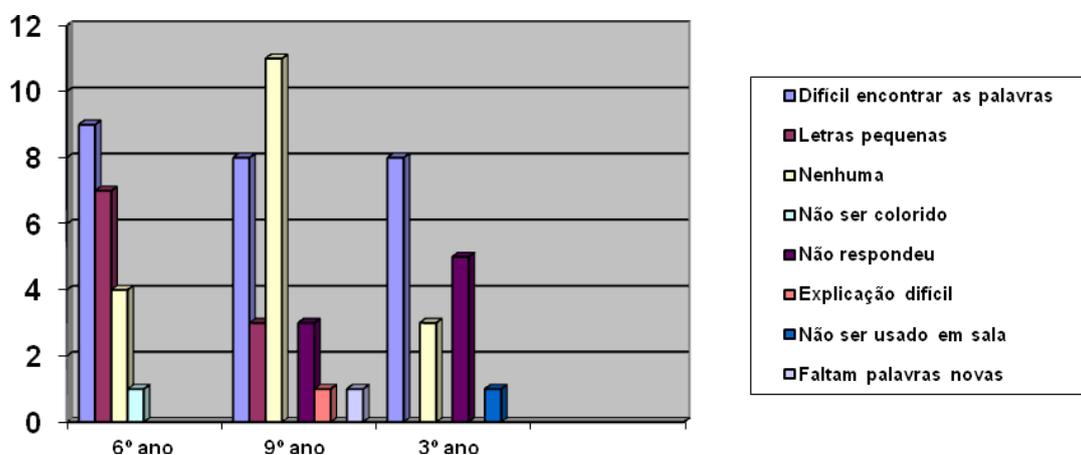


Um ponto relevante sobre a questão “quais as críticas em relação aos dicionários” é que os alunos citam a dificuldade em encontrar as palavras ou o fato de não encontrá-las. Isso mostra que talvez eles possuam dúvidas na ordem alfabética ou não sabem que as palavras nos dicionários não comportam flexões, advindo daí a dificuldade de encontrá-las. A preocupação aqui é saber qual a habilidade lexicográfica desse aluno, que técnicas de manuseio ele possui? Nos adultos, toma-se como verdade absoluta que eles apresentem essa capacidade, uma vez que se pressupõe que eles entraram em contato com dicionários na época acadêmica. Será que os professores, em algum momento da vida escolar desses estudantes, aplicaram atividades que demandavam o uso deste instrumento de aprendizagem e, conseqüentemente, os ensinaram a usar essa ferramenta?

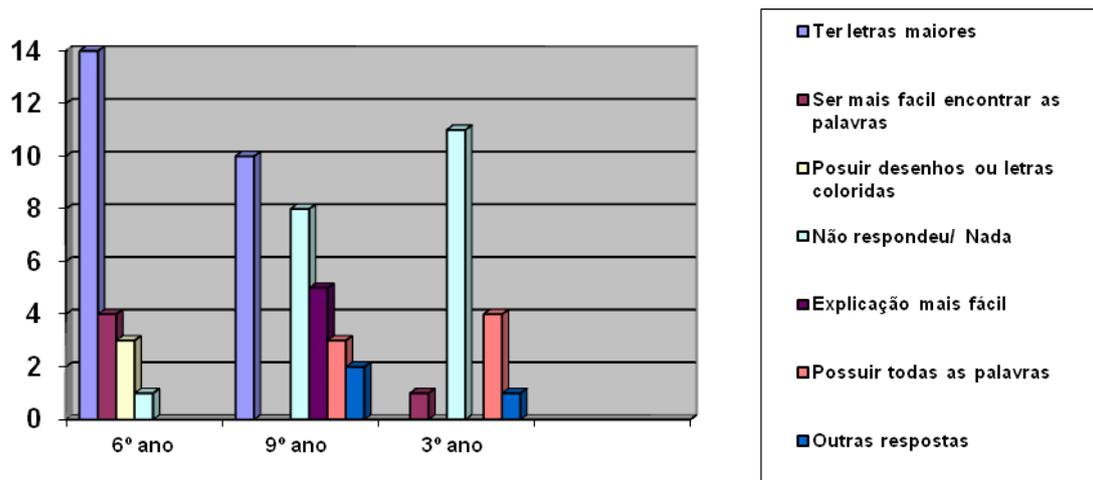
Segundo Landau (*apud* HÖFLING, 2006, p. 49):

[...] mesmo que uma criança consiga encontrar uma palavra no dicionário, se não houver uma continuidade no processo de aprendizagem lexicográfica, ela desistirá da ferramenta, uma vez que não consegue extrair as informações necessárias à atividade que está realizando. Para o autor, isso é uma pena, já que o hábito de usar o dicionário é formado na primeira parte da vida escolar de uma criança. Se essas habilidades em usar o dicionário forem negligenciadas pela escola e pelo professor, isso pode afetar, de alguma maneira, o estudante com relação à consulta a dicionários.

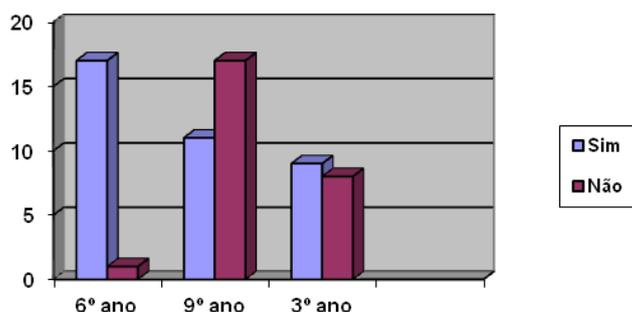
Também vale destacar a quantidade de alunos do ensino fundamental que considera que “as letras são pequenas”, levando-nos a inferir que o único dicionário que eles conhecem é o de modelo padrão e que o acesso aos do tipo 1 e 2 do PNLD é quase nulo, pois estes possuem letras maiores, são fartamente ilustrados e por campos temáticos, ou não consideraram que aquele material, que porventura foi utilizado com eles na primeira fase do ensino, era um dicionário. Os alunos do 9º ano foram os que citaram dificuldades variadas e os alunos do ensino médio não fizeram críticas ao tamanho das letras.



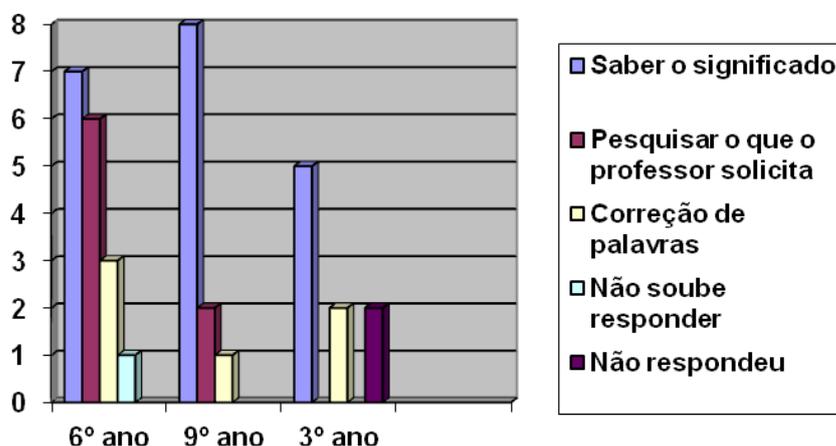
Para a questão “O que você gostaria de ver melhorado no dicionário”, surpreende a quantidade de alunos que responderam que gostaria que as letras fossem maiores, principalmente do 6º ano.



Na questão “Você utiliza dicionário nas aulas de língua portuguesa?”, o que surpreende é que, conforme os anos avançam, os alunos deixam de usar o dicionário ou o professor deixa de solicitar.



É possível concluir que o professor não solicita o uso do dicionário nos anos mais avançados porque na questão “Por que você utiliza dicionário nas aulas de língua portuguesa?”, 6 alunos do 6º ano disseram que é porque o professor pede, somente 2 alunos do 9º ano deram essa resposta e na turma do 3º ano essa resposta nem sequer surgiu.



3.3 PERFIL DOS PROFESSORES PARTICIPANTES DA PESQUISA

Na primeira etapa da pesquisa, foram consultados somente professores do colégio dos alunos pesquisados. Após o exame de qualificação desta pesquisa, por sugestão da banca examinadora, a pesquisa foi ampliada para outros professores de língua portuguesa da rede estadual (total de 12 professores) e professores da rede municipal (total de 18 professores).

Nos próximos tópicos, apresentaremos os resultados obtidos com essas três fontes.

3.3.1 Perfil dos professores do colégio dos alunos pesquisados

O total de professores que respondeu ao questionário nessa etapa foram seis. Desse total, quatro são professores de língua portuguesa e dois de geografia. Dos professores de língua portuguesa, dois são professores QPM (quadro próprio do magistério do Paraná) e dois contratados por PSS (processo seletivo simplificado). Os professores de geografia são QPM.

Com o intuito de traçar um perfil profissional dos professores consultados (formação acadêmica e tempo de serviço), elaboramos um quadro de identificação que foi entregue juntamente com o Termo de Consentimento dos referidos professores (ANEXO F).

Em relação à formação dos professores, temos três que fizeram a graduação na UEL, um na UNIOESTE, um na UNOPAR e um na UENP/ Cornélio Procópio. Todos possuem especialização, sendo quatro de instituições particulares e dois de instituições públicas. Dois professores possuem o PDE (Programa de desenvolvimento educacional). Os seis professores pesquisados possuem uma significativa experiência em sala de aula: de 10 a 20 anos de magistério.

A seguir, haverá a análise da percepção dos professores sobre o uso dos dicionários em sala de aula.

3.3.1.1 Análise dos dados dos professores do colégio dos alunos pesquisados

A primeira pergunta feita aos professores foi: “que tipo de dicionário você conhece?”. As respostas obtidas foram: um conhece o dicionário de língua portuguesa e linguística; três conhecem dicionário de língua portuguesa e inglesa; um conhece o dicionário Aurélio e Houaiss; um conhece dicionário de língua portuguesa, inglesa e o dicionário visual.

Com relação à pergunta se “possui dicionário em casa?”, todos responderam que sim. Os dicionários especificados foram: Aurélio – 2 respostas; língua portuguesa e inglesa – 3 respostas, um não apontou qual dicionário possui em casa.

Os seis professores pesquisados afirmaram ter o hábito de usar o dicionário, sendo que todos responderam que utilizam para pesquisar o significado das palavras e somente um acrescentou que também utiliza para verificar a “escrita das palavras”.

Quando questionados se utilizam o dicionário em sala de aula, todos responderam que sim e com a finalidade específica de procurar significados das palavras; dois acrescentaram que também utilizam para sanar dúvidas de grafia e um professor respondeu que utiliza para “ensinar ordem alfabética”.

Essa resposta contrasta a dos alunos, pois somente seis alunos do 6º ano e dois do 9º responderam que o professor solicita o uso de dicionário em sala; os do 3º do ensino médio nem sequer mencionaram essa solicitação.

Já a pergunta “quais obras utilizam?” nos trouxe as seguintes respostas: dois não responderam; dois responderam ser o Aurélio e dois disseram utilizar os disponíveis na biblioteca do colégio.

Quando perguntados se utilizam o dicionário impresso ou eletrônico, cinco responderam que utilizam os dois e um disse ser somente o impresso. Três deles disseram que em sala de aula utilizam somente o impresso por ser o único disponível.

Em relação às críticas aos dicionários: três disseram que não encontram “todas” as palavras pesquisadas, um disse que eles não trazem a origem das palavras, um não tem críticas a fazer e um disse que a maior dificuldade é que os

alunos têm preguiça de fazer esse tipo de pesquisa. Um dos que disseram que faltam algumas palavras, acrescentou que as letras são pequenas.

A última pergunta foi: “o que gostaria de ver melhorado no dicionário?”. As respostas foram variadas: “para uso com alunos gostaria que as explicações fossem mais claras – os termos fossem em linguagem mais acessível com a realidade do aluno.”; “que contenha todas as palavras.”; “aumento das letras.”; “que se tornasse mais popular – uma leitura mais atraente.”; “em relação a quantidade de palavras”. Um professor alegou que não é preciso melhorar, pois não vê nenhum problema.

3.3.2 Perfil dos professores de língua portuguesa da rede estadual

No município de Ibiporã, há oito colégios estaduais. Participaram deste estudo 12 professores de língua portuguesa de diferentes séries dos ensinos fundamental e médio. Para aplicar os questionários, visitamos os colégios da cidade. Os professores respondiam aos questionários no horário de aula-atividade.

Todos os colégios possuem bibliotecas com funcionários prestando atendimento; somente um estabelecimento de ensino possui uma bibliotecária de formação; nos outros, são auxiliares administrativos cumprindo a função. Em todos os colégios os acervos do PNLD-Dicionários encontram-se em excelente estado de conservação, o que caracteriza o pouco manuseio desse material. Em alguns colégios, o material encontrava-se “guardado” e o que estava à disposição dos alunos e professores eram uns dicionários velhos e desatualizados. Segundo a funcionária, quando questionada por que razão o material estava guardado, a resposta obtida foi que os alunos “não sabem cuidar”. Muitos professores desconheciam a classificação e distribuição dos acervos realizada pelo MEC.

Em relação à formação acadêmica dos pesquisados, quatro informaram que fizeram o curso de Letras, mas não especificaram qual; dois fizeram vernáculos e seis fizeram Letras/Anglo. Todos possuem especialização e três o título de mestre pela Universidade Estadual de Londrina: dois do mestrado acadêmico e um do mestrado profissional (PROFLETRAS). As especializações são na área de literatura, línguas e educação.

Os professores analisados possuem de oito a vinte anos de experiência no magistério e a média é de treze anos de tempo de serviço.

A seguir, traremos a análise da concepção dos professores a respeito do uso dos dicionários em sala de aula.

3.3.2.1 Análise dos dados dos professores de língua portuguesa da rede estadual

A primeira pergunta feita a este grupo de professores foi: “Tem o hábito de usar o dicionário e para quê?”. Onze responderam que sim e muitos especificaram mais de um motivo para tal uso.

As razões desse uso ficaram assim distribuídas:

| Razões da consulta | Vezes mencionadas |
|---------------------------------------|-------------------|
| Consultar significado. | 5 |
| Sanar dúvidas, sem especificar quais. | 4 |
| Pesquisa, sem especificar que tipo. | 4 |
| Verificar ortografia | 3 |
| Ampliar léxico. | 1 |
| Saber origem da palavra. | 1 |
| Para tradução. | 1 |

QUADRO 1 – Respostas mais utilizadas pelos professores
Fonte: Da autora

Apesar de não especificado, é bem provável que a resposta “sanar dúvida” se refira à ortográfica, mantendo a premissa de que a única função de uma obra lexicográfica seja a de consulta da maneira correta de escrever a palavra.

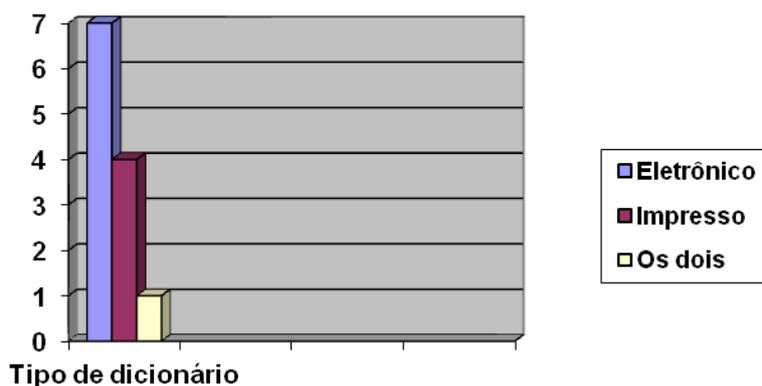
O que afirmou não utilizar o dicionário no dia a dia não apresentou justificativa para essa negativa.

Para a pergunta se a consulta era rápida/pontual ou se era feita uma consulta de várias palavras por vez, obteve-se o seguinte resultado: oito para consultas pontuais, três de várias palavras e uma que abarcava as duas situações.

Quando questionados sobre qual dicionário mais utilizavam, monolíngue ou bilíngue, somente um disse utilizar os dois, seis afirmaram utilizar o bilíngue e

cinco o monolíngue. Talvez isso se justifique porque boa parte dos pesquisados, além da formação em língua portuguesa, também possuem formação em língua inglesa.

Igualmente foi solicitado que respondessem se prefeririam o dicionário impresso ou eletrônico e o motivo de tal preferência. O resultado é o que se apresenta abaixo:



Dos sete que responderam preferir o eletrônico, três disseram ser mais prático, três disseram ser mais rápido e um mais fácil. Os quatro que responderam que utilizam o de papel deram justificativas diversas: ser mais prático, mais confiável, ser uma questão de costume e “mais atraente”. Somente um falou que a utilização depende do local onde se encontra e a possibilidade de acesso, por isso usa as duas formas: impresso e eletrônico.

Para a pergunta “quais dicionários você conhece?”, diferentemente dos outros grupos pesquisados, este apresentou diversas respostas, demonstrando que os professores da rede estadual conhecem uma variedade de obras lexicográficas. O resultado é o que se segue: nove mencionaram Michaelis, oito Aurélio, cinco Houaiss, três Silveira Bueno, dois Oxford, e também foram nomeados o Aulete, UNESP, Linguee (inglês), Treasures (creia-se que a professora tenha tido a intenção de dizer Thesaurus), Longman e Google.

Também foi perguntado se os professores conheciam outro tipo de dicionário além do de língua, chamado de dicionário comum. Sete dos participantes não conheciam nenhum outro modelo e os que conheciam citaram o de sinônimos, antônimos, slang (dicionário de gírias da língua inglesa) e terminológico. Um informante disse que conhecia, porém não mencionou qual seria a obra.

Quando perguntado se receberam alguma orientação lexicográfica em sua formação acadêmica, oito professores declararam que não. Quatro informantes disseram que sim, e coincidentemente entre esses estão os três que são mestres. Os dois com mestrado acadêmico tiveram a disciplina de lexicografia no curso, outro teve orientações na disciplina de metodologia de ensino e o último sobre abreviações.

Infelizmente, aqui se confirma o que foi verificado no item destinado ao papel do MEC na disseminação do uso do dicionário em sala de aula (CAPÍTULO 1.4): as grades curriculares dos cursos de Letras não contemplam a disciplina de lexicografia, sendo uma disciplina restrita aos cursos de pós-graduação *stricto sensu*.

Como já mencionado, todo dicionário possui duas partes: macroestrutura e microestrutura. A macroestrutura é dividida em três: páginas iniciais, corpo do dicionário e páginas finais. Nas páginas iniciais se encontram a apresentação, as instruções de uso, listas e abreviaturas. São nestas que se encontram a apresentação do dicionário, para qual consulente ele é previsto, quais foram as fontes que o dicionarista utilizou para produzir aquela obra. É essencial a sua leitura com o intuito de utilizar esse material didático a contento e extrair dele o máximo do seu potencial pedagógico.

Diante da importância das páginas iniciais do dicionário, foi perguntado aos professores se “já leu “introdução” e “instruções de uso” de um dicionário?”. Cinco responderam que sim, dois alegaram que a leitura foi por curiosidade, dois para saber as orientações de uso e um para conhecer as abreviaturas. Sete professores disseram nunca ter lido as páginas iniciais, quatro justificaram não achar necessário, sendo que um deles declarou que nem sabia da existência de tais páginas e três não justificaram esse desinteresse. Esses dados indicam que os professores desconhecem a importância dessas páginas e qual a sua função na obra.

A penúltima questão foi se, como professor, utiliza o dicionário com seus alunos. Onze dos pesquisados afirmaram que sim e em situações diversas: na hora da produção e interpretação textual, para estudos de vocabulário, para tradução de textos, para revisão ortográfica e ampliação de vocabulário, para esclarecer dúvidas de grafia e significado. Uma professora mencionou não utilizar dicionário em suas atividades com os alunos porque prefere sempre que o aluno compreenda o

significado das palavras pelo contexto. De maneira geral, é possível perceber pelas respostas obtidas que esse material é bem aproveitado nas aulas de língua portuguesa.

Em relação à última questão do questionário, “quais suas críticas em relação aos dicionários (cite problemas ou dificuldades)?”, três disseram não encontrar nenhuma dificuldade e não ter nenhuma crítica em relação a esse material de apoio e dois não responderam, restando sete entrevistados que forneceram várias respostas e algumas informações interessantes. Em relação às respostas foram: não dão conta de contextualizar tudo, o problema do tamanho – às vezes é grande demais e às vezes pequeno, a linguagem é difícil, o tipo de letra, deveria ser ilustrado, falta de dicionários nas escolas, ter acesso aos dicionários é muito difícil. Podemos deduzir alguns fatos dessas repostas:

- “a linguagem é difícil” – será que está sendo usado o dicionário adequado para a série do aluno?;
- “falta de dicionários nas escolas” – conforme constatamos em nossas visitas às escolas, existe um número considerável de dicionários disponíveis. A questão é que eles estão guardados para os alunos não “estragarem”;
- “ter acesso aos dicionários é muito difícil” – talvez ocorra a mesma situação do item acima;
- “deveria ser ilustrado” – o professor, provavelmente, desconhece a classificação do MEC, pois para as escolas estaduais não foram enviados dicionários ilustrados, esse tipo de acervo é restrito às séries iniciais.

3.3.3 Perfil dos professores da rede municipal de ensino

O município de Ibiporã, de acordo com o IBGE, possui 201 professores distribuídos em 15 escolas municipais. Participaram deste estudo 18 professoras regentes das séries iniciais do ensino fundamental. Para efetuar a visita nas escolas e aplicar o questionário aos professores, mesmo munidos da autorização (ANEXO G) da secretária municipal de educação, algumas diretoras de escolas não autorizaram o acesso ao estabelecimento. No entanto, em quase todas as escolas municipais, fomos muito bem recebidos, com professores muito receptivos e

atenciosos, querendo saber informações sobre o PROFLETRAS, pois nenhum deles conhecia o programa.

Algumas escolas municipais passaram por reformas recentemente e possuem um bom espaço de biblioteca, porém não há um funcionário específico para atendimento. Nessas escolas, os livros e os dicionários do PNLD ficam dispostos em estantes; quando o professor deseja utilizá-los, deve conduzir os alunos até lá. Uma boa parte das escolas possui espaço de biblioteca adaptado; o que se pôde constatar é que alguns livros e dicionários ficam em armários localizados nas salas de aula, restringindo o uso do material à turma “detentora” do armário.

Somente em uma escola visitada não foram encontrados os dicionários do PNLD, mas isso, talvez, se justifique pelo fato de que, mesmo havendo espaço de biblioteca e uma professora readaptada que permaneça no local meio período, também existe os tais armários em cada sala de aula.

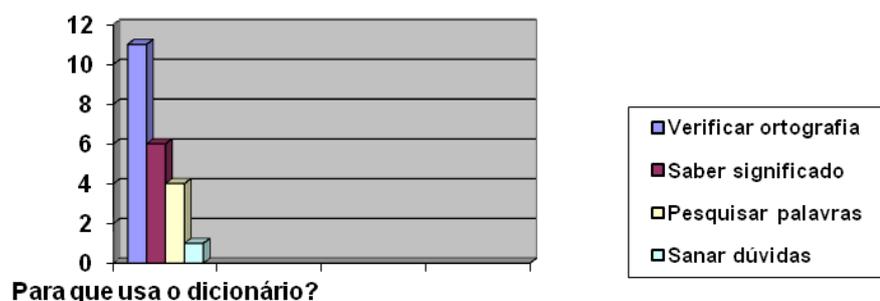
Em relação à formação acadêmica dos pesquisados, quatorze são formados em pedagogia, um não informou o curso de graduação, um é formado em história, um em Letras/Anglo e o outro em educação física. Dos dezoito, somente um não possui pós-graduação e há os que têm mais de uma especialização. Sete deles fizeram pós-graduação em Psicopedagogia, mas há especialização em Educação Especial, Neurociência e Educação Infantil. Cinco deles possuem especialização em Gestão Escolar; este curso é um pré-requisito para quem deseja ser diretor de escola.

Os professores analisados possuem uma significativa experiência no magistério. Somente três deles têm menos de cinco anos de experiência em sala de aula, e oito deles mais de quinze anos como docente.

A seguir, descreveremos a análise da percepção dos professores sobre o uso dos dicionários em sala de aula.

3.3.3.1 Análise dos dados dos professores da rede municipal de ensino

A primeira pergunta feita a esse grupo de professores foi se “tinham o hábito de usar o dicionário e para quê?”. Todos responderam que sim; as razões desse uso aparecem no gráfico abaixo:

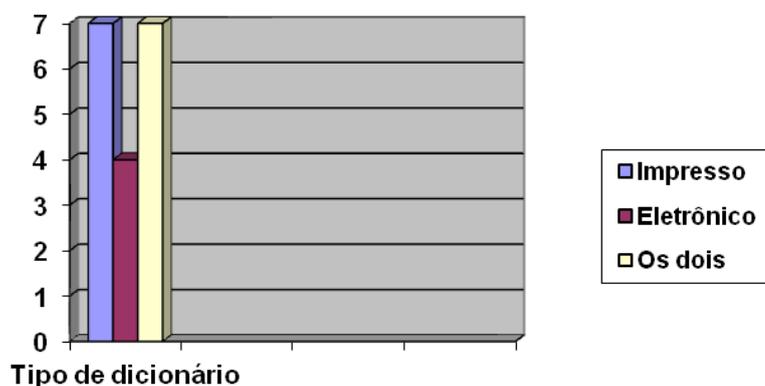


A ortografia, como em todos os outros grupos pesquisados, continua sendo o principal motivo da utilização da obra lexicográfica.

Também se perguntou se esta consulta era rápida/pontual ou se era feita uma consulta de várias palavras por vez. Obteve-se o seguinte resultado: dez para consultas pontuais, três de várias palavras e uma que englobava as duas situações.

Quando indagados qual dicionário eles mais utilizavam, monolíngue ou bilíngue, somente um disse utilizar os dois; os outros dezessete disseram utilizar o monolíngue.

Igualmente foi solicitado que respondessem se preferiam o dicionário impresso ou eletrônico e o motivo de tal preferência. O resultado é o que se apresenta abaixo:



Dos sete que responderam preferir o impresso, quatro disseram porque é o que está acessível na escola, dois falaram que é por causa dos alunos e um disse ser mais ágil. Dos sete que responderam que utilizam as duas formas, quatro disseram que depende da situação e três não justificaram. Os quatro que falaram que utilizam o eletrônico disseram ser mais fácil e rápido. Vale ressaltar que algumas escolas municipais de Ibiporã possuem o sistema de lousa digital; durante a aula, é possível, enquanto apresenta o conteúdo programado, navegar na internet com os estudantes e consultar um dicionário sanando as dúvidas em tempo real.

Outra pergunta foi: “quais dicionários você conhece?”. Entre os consultados, dez responderam conhecer o dicionário Aurélio, dois o Michaellis, cinco deixaram a questão em branco e obras como Palavrinha Viva, Luft, Essencial, Aulete, Ilustrado, Houaiss, Inglês, Oxford, Cambridge foram mencionados uma vez, além do Eletrônico e Google. Este grupo conhece uma relativa variedade de obras lexicográficas.

Também foi perguntado se os professores conheciam outro tipo de dicionário além do de língua, chamado de dicionário comum. Dez dos participantes não conheciam, dois disseram que conheciam o de antônimos, dois o de expressões, um o de gramática e três disseram conhecer outros tipos, no entanto não informaram quais.

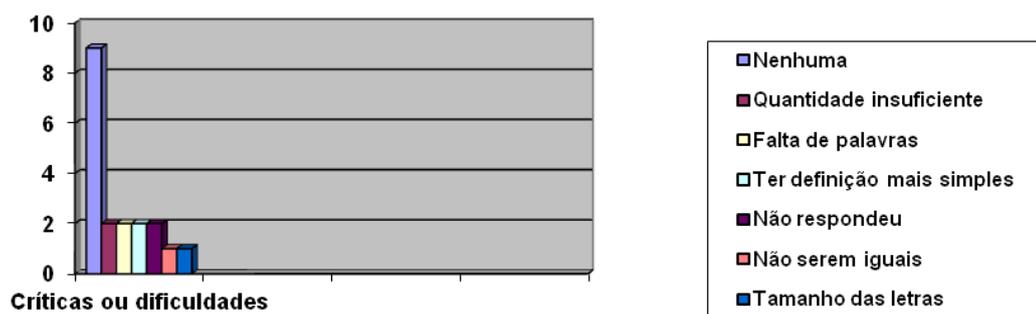
Quando perguntado se receberam orientação lexicográfica em sua formação acadêmica, dezesseis professores declararam que não. Os dois informantes que disseram que sim, coincidentemente são também os que responderam sim na questão anterior (conhece outros tipos de dicionários, além do dicionário comum?). Um deles possui menos de cinco anos de tempo de docência. O outro possui sete anos de experiência. A média de tempo de prática docente dos entrevistados é de quatorze anos. Ou seja, há uma esperança de que os professores formados há menos tempo estão recebendo algum tipo de orientação lexicográfica. O tipo de orientação que esses dois professores receberam foi a respeito da grafia dos fonemas e como utilizar a ordem alfabética.

Diante da importância das páginas iniciais do dicionário, foi perguntado aos professores se “já leram introdução e instruções de uso de um dicionário”. Dez responderam que sim, no entanto somente quatro justificaram que foi para poder orientar melhor os alunos ou para utilizar melhor o material; os outros disseram: três por curiosidade, dois porque gostam de ler e um não justificou. Oito professores

disseram nunca ter lido as páginas iniciais, no entanto não justificaram esse desinteresse.

A penúltima questão foi se, como professor, utiliza o dicionário com seus alunos. Dezesete dos pesquisados afirmaram que sim e em situações diversas: auxílio na alfabetização, ensinar ordem alfabética, para trabalhos em grupos, para produção de textos, porém a resposta que prevaleceu foi trabalhar ortografia ou significado das palavras. Ou seja, a utilidade didática desse material pedagógico recaí novamente nas atividades frequentes do senso comum de busca de ortografia e significado, deixando de explorar a origem das palavras, a fonética, a sinonímia na produção textual, etc. O desenvolvimento da competência linguística do aluno não é aprofundado nesse tipo de atividade, pois a pesquisa de significados de maneira descontextualizada não apresenta muitos resultados. A assimilação de um novo sentido dependerá de seu uso constante e do grau de familiaridade com ela, por isso o professor deve estimular o uso dessas palavras consultadas. Esse uso tem que promover a competência de uso do aluno e não ser uma mera obra de consulta.

A última pergunta do questionário foi: “quais suas críticas em relação aos dicionários (cite problemas ou dificuldades)?”. Nove disseram não encontrar nenhuma dificuldade e não ter nenhuma crítica em relação a esse material de apoio e dois não responderam, restando sete entrevistados que forneceram cinco respostas distintas.



Diante das respostas dos sete pesquisados que indicaram alguma sugestão/crítica, podemos constatar o seguinte:

- “quantidade insuficiente”: talvez esse problema se justifique pela questão da existência dos tais “armários” e a falta de um espaço específico de biblioteca, pois o acervo não fica à disposição de todos os professores, mas sim espalhado e muitas vezes privilegiando um ou outro educador.

- “falta de palavras”, “não serem iguais”: Essas respostas demonstram um desconhecimento dos acervos do MEC, que organizam os dicionários em níveis de ensino-aprendizagem, por isso diferem na quantidade e no tipo de palavras que registram.

- “ter definição mais simples”, “ tamanho das letras”: Provavelmente, o acervo utilizado não é o indicado para aquele nível de aprendizagem, sendo essa sempre a maior queixa de todos os grupos pesquisados.

3.4 SÍNTESE DAS ANÁLISES DOS TRÊS GRUPOS PESQUISADOS

As repostas apresentadas na pesquisa corroboram a situação dos dicionários nas escolas brasileiras: uma obra esporadicamente utilizada para tirar dúvidas de significado ou ortografia. Se as obras lexicográficas ainda são subutilizadas nas escolas, não é culpa do professor, mas sim da falta de orientação/capacitação em relação ao uso do dicionário em sala de aula. Apesar de toda a literatura já existente sobre lexicografia, são raros os cursos de Letras que possuem essa disciplina específica em sua grade curricular. Além disso, há poucos ou quase nenhum curso de especialização na área de lexicografia. Com isso, as pesquisas realizadas nessa área nos cursos *stricto sensu* não atingem “o chão” das escolas.

Inúmeras são as razões para o não aproveitamento do potencial didático do dicionário monolíngue, a iniciar pelo fato, aparentemente contraditório, de que se trata de um tipo de obra bastante desconhecida dos professores (KRIEGER, 2007, p. 298).

Os professores não adquiriram esse conteúdo durante sua formação para utilizar esse tipo de obra em sala de aula, por isso não possuem condições de habilitar os alunos sobre a organização e o manuseio dessa produtiva ferramenta de aprendizagem. Até mesmo nós, enquanto docente de língua portuguesa na rede estadual de ensino, desconhecíamos o potencial pedagógico das obras lexicográficas e a política desenvolvida pelo MEC por meio do PNLD-Dicionários. Sorte nossa, que nos deparamos com a lexicografia no programa de mestrado profissional em Letras (PROFLETRAS).

Os dados apresentados pelo questionário nos permitiram identificar as principais falhas na formação do professor de língua portuguesa no que diz respeito à proficiência lexicográfica, redundando numa subutilização do dicionário em sala de aula pelo professor.

Partindo dessa constatação, e com o objetivo de encurtar a distância entre os estudos desenvolvidos na academia e aplicação deles nas escolas de educação básica, elaboramos um manual para capacitar o educador na utilização das obras lexicográficas em sala de aula, pois o dicionário não é a simples coletânea do léxico de uma comunidade linguística ordenada alfabeticamente. Ele é um texto e possui regras de organização. Esse manual, que apresentaremos no próximo capítulo, pretende, de maneira descomplicada, expor essas regras para que o professor possa explorar com seus alunos os recursos didáticos desse tipo de obra.

4 MANUAL PARA UTILIZAÇÃO DE DICIONÁRIOS EM SALA DE AULA

Fruto das ações e reflexões da pesquisa intitulada **Proficiência lexicográfica para professores: o uso de dicionário em sala de aula**, da dissertação desenvolvida no curso do PROFLETRAS da Universidade Estadual do Norte do Paraná, campus de Cornélio Procopio, este manual pretende servir de apoio ao trabalho do professor em sala de aula.

Tendo como objetivo central a formação lexicográfica do professor, ou seja, aprimorar o uso do dicionário como instrumento de ensino-aprendizagem da língua, neste manual há explicações detalhadas sobre a estrutura de um dicionário e sua aplicabilidade a fim de contribuir para uma efetiva renovação das práticas educacionais de aprimoramento do léxico.

4.1 POLÍTICA DE DISTRIBUIÇÃO DE DICIONÁRIO PELO MEC

Com base nas resenhas do *Guia de Livros Didáticos – Dicionários* em 2000, o MEC distribuiu para os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental um dicionário.

O PNDL de 2006 atendeu às escolas e forneceu a elas diferentes títulos de dicionários (BRASIL, 2006). Eles foram organizados em três acervos, voltados a alunos de vários níveis de ensino-aprendizagem. Eles são distintos na maneira de explicar os seus significados com vistas a facilitar o seu uso. Por isso, professor, você tem em sua escola diferentes títulos, mas em quantidade suficiente para atender uma turma por vez.

Em 2012, o MEC enviou para as escolas uma nova remessa, agora dividida em quatro acervos de dicionários escolares:

- TIPO 1 – para o 1º ano do ensino fundamental;
- TIPO 2 – para 2º ao 5º ano do ensino fundamental;
- TIPO 3 – anos finais do ensino fundamental;
- TIPO 4 – para o ensino médio.

Esses acervos foram avaliados pelo PNLD Dicionários 2012, coordenado pela Faculdade de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Professor, essa classificação e a quantidade de verbetes que cada dicionário contém vêm especificadas na capa das obras, conforme mostramos a seguir.

4.1.1 Classificação do dicionário de acordo com a política do MEC



FIGURA 26 – Capa de um dicionário
Fonte: BECHARA, 2011c



FIGURA 27 – Identificação TIPO 1
Fonte: BIDERMAN; CARVALHO, 2011



FIGURA 28 – Identificação TIPO 2
Fonte: GEIGER, 2011a



FIGURA 29 – Identificação TIPO 3
Fonte: FERREIRA, 2011



FIGURA 30 – Identificação TIPO 4
Fonte: HOUAISS, 2011

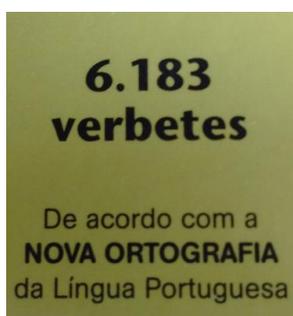


FIGURA 31 – Quantidade/verbetes (TIPO 2)
Fonte: GEIGER, 2011a

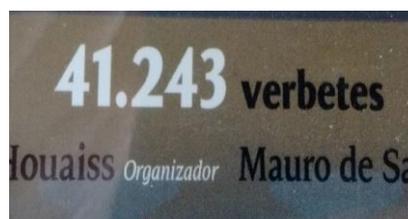


FIGURA 32 – Quantidade/verbetes (tipo 4)
Fonte: HOUAISS, 2011

4.1.2 Tipos de dicionários escolares distribuídos pelo MEC

Apresentamos a seguir as características de cada um desses acervos.

Dicionários do Tipo 1: Indicados para as crianças de 6 a 8 anos, trazem cerca de 1.000 palavras, usam definições oracionais, com um pequeno enunciado expositivo com linguagem simples e coloquial, dirigindo-se diretamente à criança. São fartamente ilustrados como forma de complementar as definições. Trazem verbetes de estruturas simples. Três títulos compõem os dicionários do tipo 1.

O Dicionário infantil ilustrado do Evanildo Bechara.

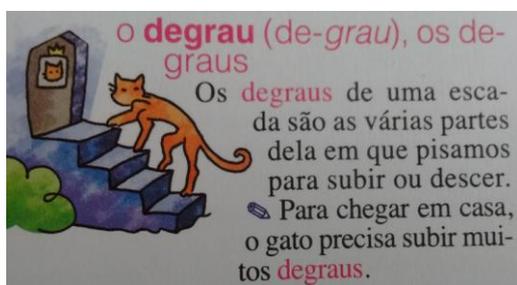


FIGURA 33 – Verbetes TIPO 1
 Fonte: BECHARA, 2011c, p. 41

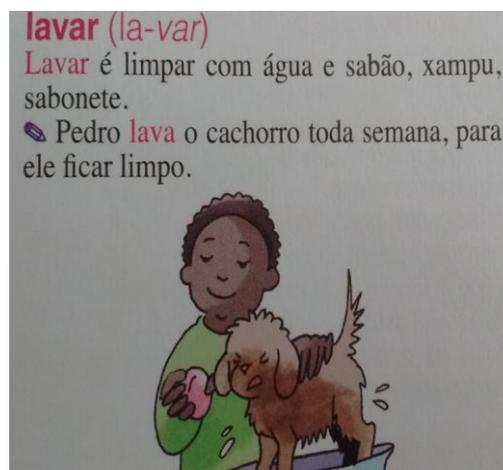


FIGURA 34 – Verbetes TIPO 1
 Fonte: BECHARA, 2011c, p. 69

O dicionário intitulado “Meu primeiro livro de palavras: um dicionário ilustrado do português de A a Z” da Maria Tereza Biderman:



FIGURA 35 – Verbetes TIPO 1
Fonte: BIDERMAN; CARVALHO, 2011, p. 122



FIGURA 36 – Verbetes TIPO 1
Fonte: BIDERMAN; CARVALHO, 2011, p.12

E a obra *Meu primeiro dicionário Caldas Aulete com a Turma do Cocoricó*:

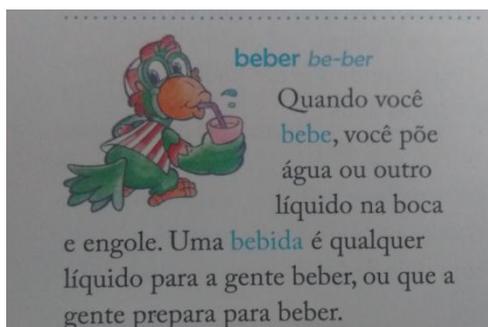


FIGURA 37 – Verbetes TIPO 1
Fonte: GEIGER, 2011c, p. 29

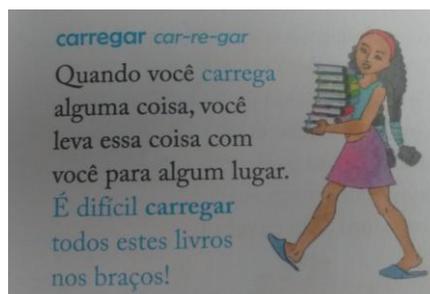


FIGURA 38 – Verbetes TIPO 1
Fonte: GEIGER, 2011c, p. 43

Dicionários do Tipo 2: São indicados para o aluno dos anos finais da primeira fase do Ensino Fundamental. O objetivo é familiarizar o aluno com o dicionário padrão. Registram um número de verbetes entre 5900 e 14700. São bem diversos quanto ao projeto gráfico e à estruturação dos verbetes. Aproximam-se ora dos dicionários do tipo 1, ora do tipo 3, o que permite que o professor adote estratégias didáticas bem variadas.

Sete títulos foram selecionados.

O Dicionário júnior da língua portuguesa do Geraldo Mattos:

Beijo sm. Ato de beijar, ósculo – *O pai deu um beijo na filha. / Despedindo-se, a filha jogou um beijo para o pai. **Bei.jo***

FIGURA 39 – Verbetes TIPO 2
Fonte: MATTOS, 2011, p. 89

O dicionário da língua portuguesa ilustrado ou Saraiva Júnior:

cheio (chei.o) adj **1.** Completo (*O balão estava cheio de ar.*); **2.** que tem muito (*O restaurante estava cheio, não havia mesas vazias.*); **3.** gordo, redondo (*O bebê tinha o rosto cheio e dobrinhas nos pulsos.*).

FIGURA 40 – Verbetes TIPO 2
Fonte: SARAIVA; OLIVEIRA, 2009, p. 55

O Dicionário ilustrado de português da Maria Tereza Biderman:

jornal s. masc. *jour-nal*. 1. Publicação diária ou semanal em que são divulgadas as notícias. *A notícia foi dada em todos os jornais do país.* 2. Programa de rádio ou televisão em que são dadas as notícias. *Lá em casa todo mundo assiste ao jornal das oito.* ■ pl.: jornais.

FIGURA 41 – Verbetes TIPO 2
Fonte: BIDERMAN, 2009, p. 175

O Fala Brasil!; dicionário ilustrado da língua portuguesa, da Rita de Cássia Braga:

machucado (ma.chu.ca.do) 1. sm Você tem um **machucado** quando uma parte do seu corpo está cortada, arranhada, doendo ou inchada. *Vamos lavar esse machucado?* Sinônimos: ferimento, ferida. 2. adjetivo Você está **machucado** quando tem uma ferida ou uma área dolorida em alguma parte do seu corpo. *Caiu e ficou toda machucada.*

FIGURA 42 – Verbetes TIPO 2
Fonte: BRAGA, 2011, p. 253

Dicionário escolar da língua portuguesa; ilustrado com a turma do Sítio do Pica--Pau Amarelo do Caldas Aulete:

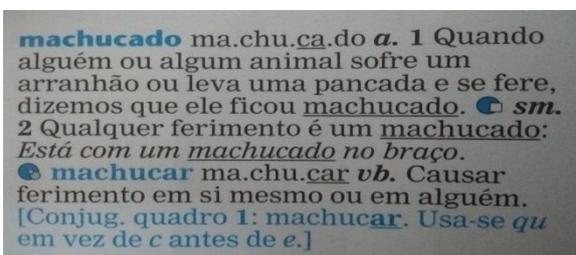


FIGURA 43 – Verbetes TIPO 2
 Fonte: GEIGER, 2011a, p. 290

Palavrinha viva; dicionário ilustrado da língua portuguesa, do Francisco Borba:

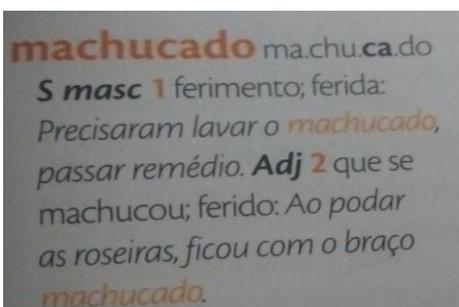


FIGURA 44 – Verbetes TIPO 2
 Fonte: BORBA, 2011b, p. 265

Dicionário Aurélio ilustrado:

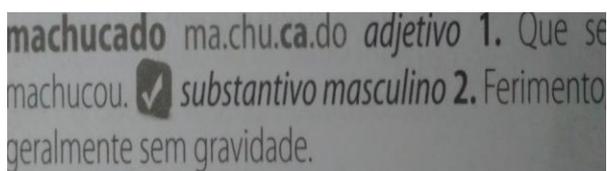


FIGURA 45 – Verbetes TIPO 2
 Fonte: FERREIRA, 2008, p. 311

Dicionários do Tipo 3: As obras do tipo 3 têm características típicas de minidicionários de uso geral. O objetivo é familiarizar o aluno com o gênero lexicográfico dos dicionários-padrão e fazer uma transição tranquila para as obras de uso geral. Registram entre 19.000 e 30.000 verbetes, só recorrem a ilustrações funcionais, incluem todos os tipos de palavras e, algumas vezes, siglas, símbolos, afixos; têm uma estrutura de verbete mais complexa, trazem um maior número de

informações linguísticas sobre as palavras registradas e usam uma linguagem simples, porém impessoal, o que em certas ocasiões torna-se incompreensível para o aluno. Esses títulos necessitam da mediação do professor.

Os títulos selecionados foram cinco.

Saraiva jovem; dicionário da língua portuguesa ilustrado:

simulação (si.mu.la.ção) *sf* **1.** Ato ou resultado de simular, de fazer parecer real algo que não é; fingimento (*O escândalo que a criança fazia não passava de simulação, porque, assim que o pai saiu, ela parou de chorar e ficou quieta, como se nada tivesse acontecido.*); **2.** reprodução de uma situação real como forma de teste para descrever o comportamento de um sistema, de um processo ou do próprio ser humano (*Na escola, os bombeiros fizeram uma simulação para orientar professores, alunos e funcionários sobre como proceder em caso de incêndio.*). *Pl simulações.*

FIGURA 46 – Verbetes TIPO 3

Fonte: SARAIVA; OLIVEIRA, 2010, p. 1099

Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras de Evanildo Bechara:

bloquear (blo.que:ar) *v.* **1.** Fazer bloqueio; cercar, sitiá-lo: *As tropas aliadas bloquearam o exército inimigo.* **2.** Obstruir a passagem ou o trânsito: *A passeata bloqueou a avenida principal da cidade.* **3.** Causar obstrução; impedir, dificultar: *Os partidos oposicionistas bloquearam alguns projetos do governo.* **4.** (Esp.) Causar impedimento a uma jogada de ataque do adversário: *O técnico determinou que a equipe bloqueasse mais; Os jogadores mais altos conseguiram bloquear todas as jogadas de rede.* **5.** *fig.* Causar inibição; refrear, tolher: *A timidez bloqueou-lhe a voz.* ► Conjug. 14.

FIGURA 47 – Verbetes TIPO 3

Fonte: BECHARA, 2011a, p. 216

Caldas Aulete – minidicionário contemporâneo da língua portuguesa:

ensino (en.si.no) *sm.* **1** Ação, resultado ou processo de ensinar, de transmitir conhecimentos. **2** O conjunto de métodos e técnicas utilizados nesse processo. ■ ~ **fundamental** Aquele (anteriormente denominado primeiro grau) ministrado no Brasil da 1ª à 9ª série. ~ **médio** Aquele ministrado no Brasil aos alunos a partir da 9ª série do ensino fundamental, durante três anos letivos (1ª à 3ª séries), correspondendo ao antigo segundo grau. ~ **superior** Ensino universitário. [F.: Dev. de *ensinar*.]

FIGURA 48 – Verbetes TIPO 3
Fonte: GEIGER, 2011b, p. 343

Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa:

clas.se *subst. fem.* **1.** Em uma série ou em um conjunto, grupo ou divisão que apresenta características semelhantes; categoria. **2.** Categoria de cidadãos baseada nas distinções de ordem social ou jurídica. **3.** Grupo de pessoas que se diferenciam das outras por suas ocupações, costumes, etc. **4.** Categoria de serviço de transporte, conforme as acomodações e o preço. **5.** *Ciências naturais* Reunião de ordens [veja *ordem* (7)]. **6.** Aula em que se ensina certa matéria. **7.** Aqueles que a frequentam. **8.** O local onde se dão as aulas; sala. **9.** *Linguagem* Veja *classe de palavras*. **10.** *Brasileirismo* Distinção de maneiras. ♦ **Classe de palavras.** *Linguagem* Cada um dos grupos ou divisões das palavras estabelecidos por características de significado e de forma: *substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção, interjeição*. [Sinônimo: *categoria gramatical*.]

FIGURA 49 – Verbetes TIPO 3
Fonte: FERREIRA, 2011, p. 215

Dicionário didático de língua portuguesa, da SM editora.

contaminar <con.ta.mi.nar> **v.t.d./v.pnrl.** **1** Transmitir uma doença a (alguém) ou infectar-se: *Não queria contaminar o filho e preferiu ficar longe dele. Contaminou-se ao entrar em contato com pessoas gripadas.* □ **SIN.** contagiar. **v.t.d.i.** **2** Infectar (alguém) [com uma doença]: *O colega a contaminou com uma forte gripe.* □ **SIN.** contagiar. **v.t.d./v.pnrl.** **3** Alterar a pureza ou o estado original de ou poluir(-se) (algo limpo ou natural): *A fumaça das fábricas contamina o ar. O rio se contaminou com os resíduos despejados nele.* **4** Influenciar(-se) ou inspirar(-se) (alguém) com uma ideia ou um estado de espírito: *Seu bom humor sempre contamina quem está a sua volta.* □ **SIN.** contagiar.

FIGURA 50 – Verbetes TIPO 3
Fonte: RAMOS, 2011, p. 215

Dicionários do Tipo 4: São direcionados aos alunos do ensino médio, pois exige um estudante mais autônomo que não necessite tanto da orientação do professor. Essas obras procuram aproximar-se do dicionário padrão. Reúnem grande número de informações sobre as palavras com maior quantidade de acepções associada à classificação gramatical. Assinalam a pronúncia padrão e registram a classificação gramatical de cada vocábulo. Apresentam a conjugação e a transitividade dos verbos. Foram quatro títulos selecionados.

O Dicionário Houaiss conciso.

con.fis.são [pl.: -ões] **s.f.** **1** revelação de própria culpa, crime, pecado etc. **2** revelação do que se sabe, sente ou pensa (uma c. de amor) **3** desabafo, confiança (ouvir as c. de uma amiga) **4** freq. us. no pl. **REL** cada uma das profissões de fé ou credos cristãos (c. luterana, anglicana, católica) **5** REL sacramento em que o católico revela os próprios pecados ao confessor ou a Deus, visando a sua absolvição; penitência **6** ação em que o católico faz tal revelação e o sacerdote a ouve (o padre não pode revelar segredos de c.) [ETIM: lat.ecl. *confissio,ōnis* 'declaração, reconhecimento de seus pecados' (no lat.cl. significava 'declaração, reconhecimento')]

FIGURA 51 – Verbetes TIPO 4
Fonte: HOUAISS, 2011, p. 220

O Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa:

machucado (ma.chu.ca.do) *a.* **1 Med.** Que se machucou; que sofreu machucadura; FERIDO; CONTUNDIDO: *Minha perna ficou muito machucada.* **2 Fig.** Que se abateu, que se magoou, que sofreu (perda, tristeza, frustração etc.); amargurado: “*Machucado nos seus brios e de consciência tão atribulada como a de um galé*” (Alberto Rangel, *Fura-mundo*) **3** Amassado, reduzido a uma pasta (banana *machucada*) **4** Deformado por pressão ou golpes, amolgado *sm.* **5 Med.** Resultado da ação de machucar(-se); ferimento, contusão; MACHUCADURA: *O machucado no braço já sarou.* [E: Part. de machucar.]

FIGURA 52 – Verbete TIPO 4
Fonte: GEIGER, 2011d, p. 875

Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara

estudar (es.tu.dar) *v. int. td.* **1** Usar o raciocínio e a memória para assimilar (novos conhecimentos). *int. td.* **2** Cursar aulas na condição de estudante. *td.* **3** Fixar na memória; decorar. ☐ *Estudou a tabuada. td.* **4** Tentar compreender pela reflexão; analisar. ☐ *estudar uma proposta. td.* **5** Observar com atenção, nos pormenores. ☐ *Estudou a planta do apartamento. int. td.* **6** Ensaiar com antecedência; treinar. ☐ *Estudava novos passos de dança.* [Conjug. 1 estudar] ☉ [De estudo + -ar².]

FIGURA 53 – Verbete TIPO 4
Fonte: BECHARA, 2011b, p. 613

Dicionário Unesp do português contemporâneo de Francisco Borba.

LEÃO le-ão *Sm* **1** grande mamífero carnívoro predador, de pelo amarelo-laranja ou cinzento amarelado, a ponta da cauda com tufo de pelos, tendo o macho longas juba: *Leões famintos estavam matando os trabalhadores da estrada de ferro.* **2** pessoa valente, corajosa ou ousada: *Para proteger os filhos, o pai virava um leão.* **3** pessoa muito forte ou violenta: *O chefe era um leão que ninguém contrariava.* **4** no jogo do bicho, o grupo 16, que corresponde às dezenas de 61 a 64: *Jogou uma pequena quantia no leão.* **5** (Joc) órgão responsável pela arrecadação do imposto de renda: *O acerto de contas com o leão deve ser feito até o final do mês.* ♀ **Fem leoa.**

FIGURA 54 – Verbete TIPO 4
Fonte: BORBA, 2011a, p. 831

4.2 ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DO DICIONÁRIO

O dicionário é composto de macroestrutura e microestrutura.

As páginas iniciais e finais mais o conjunto de todas as entradas lexicais compõem a macroestrutura. São nas páginas iniciais que se encontram a apresentação do dicionário, para qual consulente ele é destinado, quais foram as fontes que o dicionarista utilizou para produzir a obra. É essencial a sua leitura com o intuito de utilizar o material didático a contento e extrair dele o máximo do seu potencial pedagógico.

A microestrutura consiste no texto do verbete. Verbetes é o conjunto formado da palavra-entrada e todas as explicações a respeito dela. As palavras-entradas estão dispostas em ordem alfabética, em sua forma canônica, não-marcada e não comporta flexões. Deixe isso claro para o seu aluno para que ele economize tempo quando for pesquisar um vocábulo. O verbete não só explica o significado das palavras como traz muitas outras informações a respeito delas.

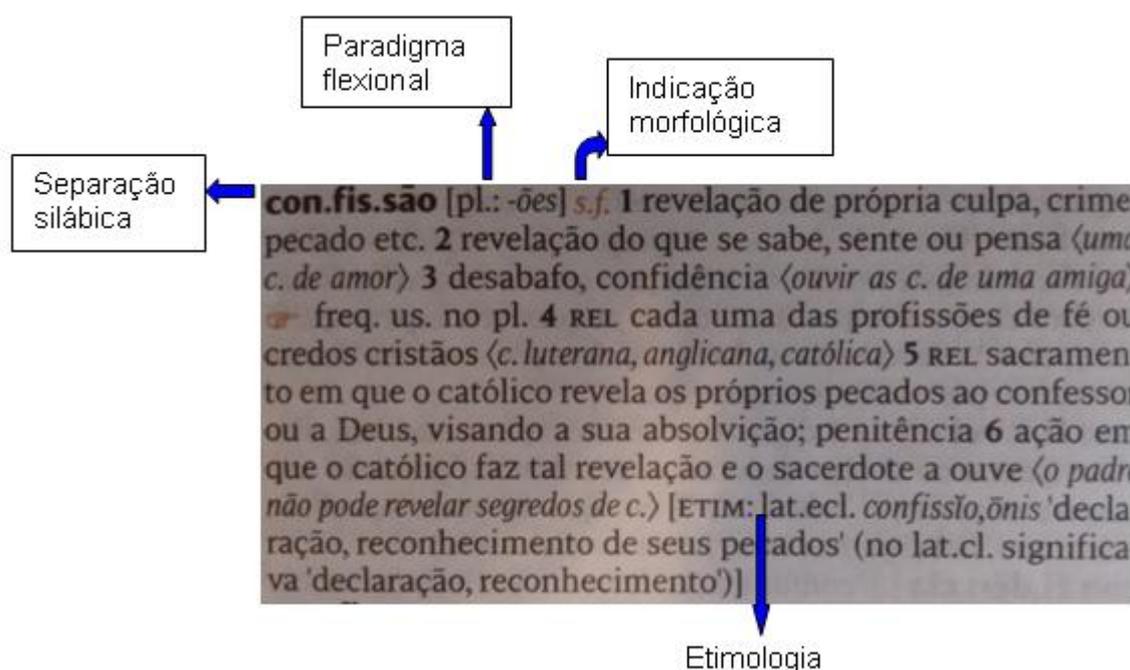


FIGURA 55 – Informações contidas em um verbete
Fonte: Adaptado de HOUAISS, 2011

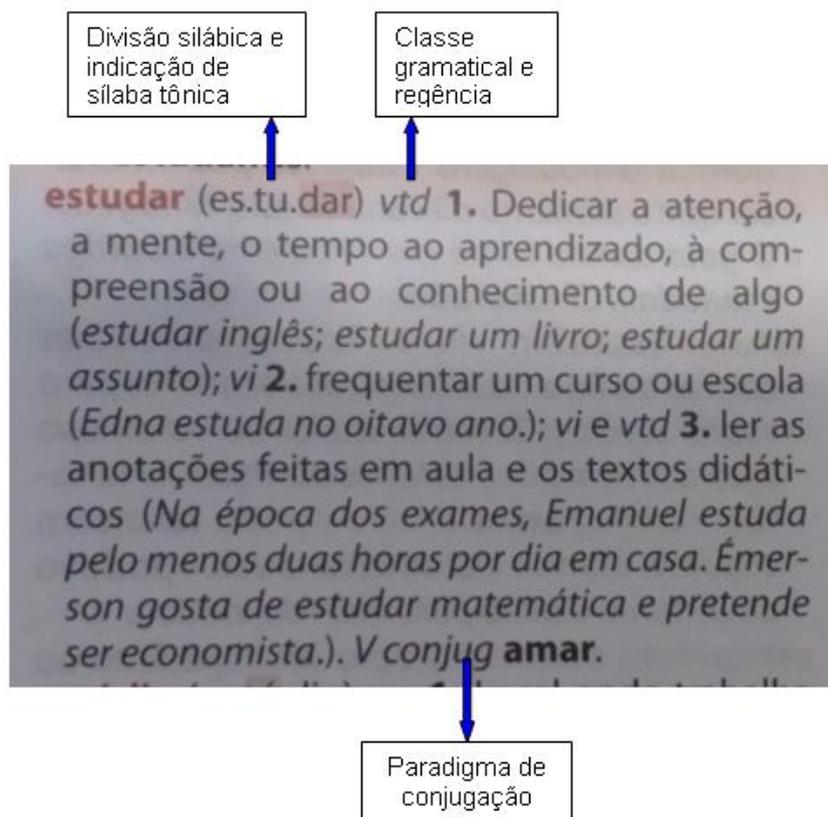


FIGURA 56 – Informações contidas em um verbete
Fonte: Adaptado de SARAIVA; OLIVEIRA, 2010

Como se viu, além de explicar o significado de uma palavra, o verbete ainda faz a divisão silábica, destacando a sílaba tônica, indica a classe gramatical, apresenta uma frase de exemplo de uso da palavra, informa o plural da palavra.

No dicionário, para economizar espaço, usam-se muitas abreviaturas. Elas se encontram explicadas nas páginas iniciais da sua obra.

Professor, explique a função das palavras-guias para a localização de verbetes. Elas aparecem no alto de cada página. A palavra da esquerda indica o primeiro verbete, e a da direita indica qual é o último verbete contido naquela página. Respeitando a ordem alfabética, o aluno saberá se o vocábulo que ele procura se encaixa ou não entre essas duas palavras de referência. Esse recurso diminuirá o tempo de procura de qualquer termo.

Palavras-guia

↑

educar – efigie

A
B
C
D
E
F

educar (e.du.car) *vtd* **1.** Dar educação a (alguém); ensinar (*É função dos pais educar os filhos para que se tornem pessoas conscientes e seguras.*); **2.** transmitir conhecimentos; instruir (*O professor Edécio educa adolescentes do oitavo e nono anos.*); **3.** ensinar comandos a animais; adestrar (*Estou educando o cachorro a não fazer as necessidades dentro de casa.*); *vtd e vp* **4.** aperfeiçoar(-se) (*Passou a fazer exercícios para educar o corpo e manter uma boa postura. Educou-se para manter uma postura correta quando está sentado diante do computador.*). *V conjug arcar.*

educativo (e.du.ca.ti.vo) *adj* Relativo à educa-

FIGURA 57 – Modelo e palavras-guia
Fonte: Adaptado de SARAIVA; OLIVEIRA, 2010

Palavras-guia

↑

aula • avião

aula *au-la*

1 Uma **aula** são as coisas que alguém diz ou explica para outra pessoa aprender.

2 Na escola, **aula** é também o tempo em que o professor ou a professora contam ou explicam coisas que a gente precisa aprender. **Hoje a aula vai ser mais curta porque vamos fazer um passeio.**



avenida *a-ve-ni-da*

Uma **avenida** é uma rua bem comprida.

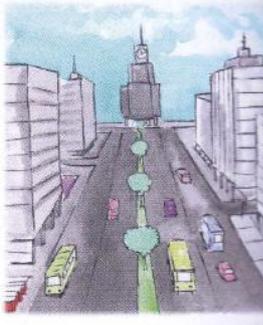


FIGURA 58 – Modelo e palavras-guia
Fonte: GEIGER, 2011c, p. 24

colcha / colo

colcha *col.cha (ô) sf.* É uma peça de pano que se usa para cobrir a cama.

colchão *col.chão sm.* Colchão é uma espécie de almofada do tamanho de uma cama, recheado de espuma, palha, água etc., ou com molas dentro, que se põe na cama para deitar sobre ele. [Pl: colchões.]

colchete *col.chete (ê) sm.* 1 Colchete é o conjunto de um ganchinho e um pequeno aro que se encaixam e que usamos para prender duas partes da roupa. 2 É também cada um de um par de sinais que se usam na escrita (assim: []) para separar palavras ou frases de um texto e em operações matemáticas.

colchonete *col.chonete (ê) sm.* É um colchão tão fino que podemos dobrar ou enrolar.

coleção *co.le.cão sf.* 1 Coleção é um conjunto de coisas do mesmo tipo: *coleção de figurinhas; coleção de inverno de loja de roupas.* 2 É também o conjunto de várias obras de um mesmo autor ou de um mesmo assunto: *A editora lançou a coleção de Cecília Meireles.* [Pl: coleções.]

coleccionar *co.le.cio.nar vb. td.* É fazer coleção, juntando coisas do mesmo tipo: *coleccionar chavetas. Ela coleccionava notas antigas.* [Conjug. quadro 1: coleccionar.]

● **coleccionador** *co.le.cio.na.dor (ô) sm.* Quem colecciona algo é um coleccionador.

colega *co.le.ga s2g.* 1 Colega de alguém é uma pessoa que estuda ou trabalha no mesmo lugar que ele: *Ela é colega de trabalho da minha irmã.* 2 Pessoas que têm a mesma profissão, mesmo que não se conheçam, são colegas.

colégio *co.lê.gio sm.* 1 É o lugar onde pessoas estudam. [= ESCOLA] 2 Colégio também pode ser um grupo de pessoas que decidem coisas e votam: *colégio eleitoral.*

coleira *co.lei.ra sf.* Coleira é uma peça, ou aro, que se põe em volta do pescoço de alguns animais (cachorro, gato etc.) para as pessoas saberem que eles têm dono, se eles se perderem ou fugirem. Também se usa a coleira para prender uma corrente quando se sai com o animal para um passeio.

coletivo *co.le.ti.vo a.* 1 Algo coletivo é de todo mundo, ou para todo mundo:

dormitório coletivo; bronca coletiva. [Ant.: *individual.*] ● **sm.** 2 gramática O coletivo de uma coisa (pessoa, planta, animal, objeto etc.) é o nome que se dá a um conjunto, ou grupo, dessas coisas: *Alcatéia é o coletivo de lobo.* 3 Um coletivo é um meio de transporte que leva muita gente. [Usa-se geralmente para ônibus.]

colheita *co.lhei.ta sf.* 1 É a ação de colher e também as coisas que foram colhidas. 2 Chamamos ainda de colheita todos os produtos que foram colhidos num ano, num mês etc. [= SAFRA]: *A colheita deste ano superou a do ano passado.*

colher *co.lher (ê) sf.* É um objeto que tem cabo e uma concha rasa e que serve para pôr a comida no prato, para comer e mexer coisas líquidas ou pastosas. ● **Dar uma colher de chá giria** É fazer com que as coisas fiquem mais fáceis para alguém. **Meter a colher** É dar palpites na conversa dos outros.

colher *co.lher (ê) vb. td.* 1 É tirar flores, frutas, legumes e verduras das plantas ou da terra: *Colheu uma rosa.* 2 **figurado** Colher os frutos de um trabalho, de um esforço etc. é receber os (bons) resultados deles. 3 Colher dados, informações etc. é reuni-los, pesquisando em algum lugar [= COLETAR]: *Colhia informações para a sua pesquisa.* [Conjug. quadro 2: colher.]

colírio *co.lí.rio sm.* 1 Colírio é um remédio líquido que se pinga nos olhos quando eles estão irritados ou têm alguma doença. 2 **popular** Dizemos que alguém é um colírio (para os olhos) quando é uma pessoa muito bonita: *Seu irmão é um verdadeiro colírio!*

colmeia *col.mei.a sf.* É a casa que as abelhas constroem para elas mesmas com sua própria cera, toda dividida em pequenas partes em forma de hexágono, e onde depositam o mel.



colo *co.lo (ô) sm.* 1 É como chamamos o pescoço e a parte logo acima do peito dos seres humanos. 2 Colo é também a parte debaixo da barriga que, junto com as pernas, forma uma espécie de cadeira macia [= REGAÇO]: *Deitou-se no colo da avó.* 3 Quando uma pessoa ou um animal é carregado nos braços, dizemos que ele está no colo: *A menina, cansada, pediu colo.*

FIGURA 59 – Modelo de página com palavras-guia

Fonte: GEIGER, 2011a, p. 119

Palavras-guia

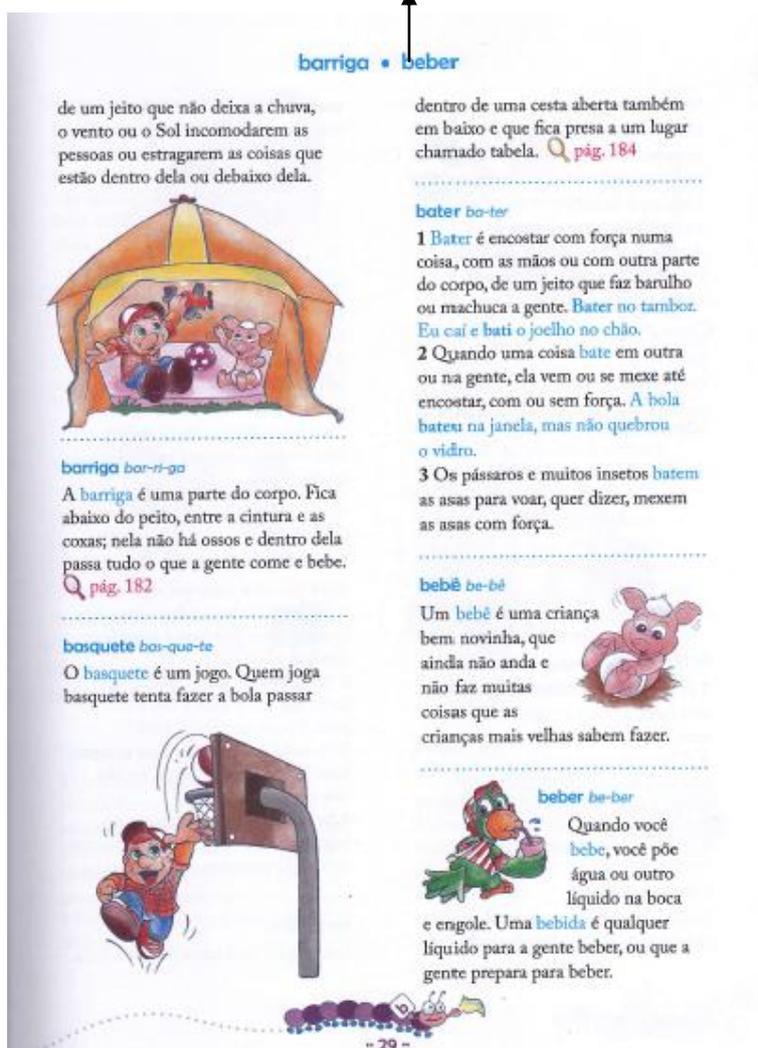
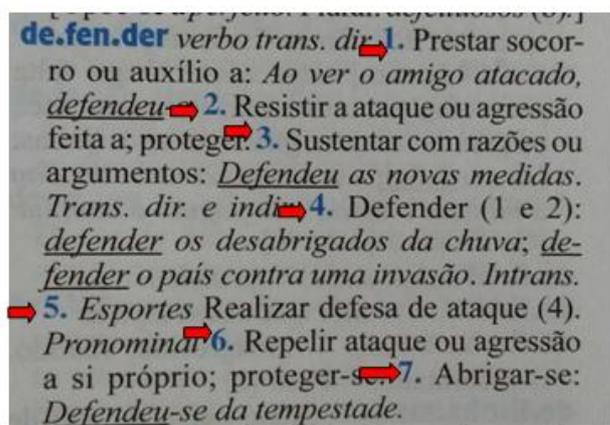


FIGURA 60 – Modelo de página com palavras-guia
Fonte: GEIGER, 2011c, p. 29

Quando uma palavra tem mais de um significado, eles vêm indicados por números arábicos em negrito; essas explicações são denominadas de acepções = as definições dos vários significados da palavra entrada.



→ Acepções do vocábulo defender.

FIGURA 61 – Acepções de um verbete
Fonte: Adaptado de FERREIRA, 2011

4.3 RECOMENDAÇÕES PARA USO DO DICIONÁRIO

Professor, instigue seu aluno a conhecer o que é um dicionário e para que serve, pois seu uso adequado aumentará o grau de letramento e aprofundará o funcionamento social da escrita. Certifique-se de que o estudante domina a ordem alfabética. Aplique atividades para verificar e aprimorar essa habilidade.

Mostre exemplos do cotidiano em que essa ordem é necessária (lista telefônica, de chamada, ensalamento para concursos, disposição de produtos em prateleiras, entre outros). Faça-os pensar sobre os critérios para se colocar os homônimos em ordem. Se necessário, desenvolva atividades lúdicas para aferir e aprimorar esse conhecimento alfabético.

Com o intuito de auxiliá-los nessa tarefa, apresentamos algumas atividades.

4.4 ATIVIDADES

As atividades servem como um exercício de fixação do conteúdo apresentado. De uma maneira geral, elas são propostas visando um objetivo específico.

A fim de tornar este manual mais útil e proveitoso, apresentamos a seguir, algumas atividades que podem ser reproduzidas em sala de aula e os objetivos das mesmas.

OBJETIVO 1: Familiarizar os alunos com a ordem alfabética.
Atividades indicadas para alunos do ensino fundamental 1.

Exercício A.

ORDEM ALFABÉTICA

RESCREVA AS PALAVRAS DE CADA GRUPO EM ORDEM ALFABÉTICA.

| | |
|---|--|
| ABELHA _____ ABUTRE _____ ABACAXI _____ ABACATE _____ |  |
|  | BOLHA _____ BOMBA _____ BOLSA _____ BOMBOM _____ |
| ESCADA _____ ESCOLA _____ ESCURO _____ ESCUDO _____ |  |
|  | FORTALEZA _____ FORÇA _____ FORMIGA _____ FÓRMULA _____ |

FIGURA 62 – Exercício de ordem alfabética
Fonte: MUNDO..., 2016

Exercício B

ORDEM ALFABÉTICA

RECORTE E COLE OS NOMES ABAIXO EM ORDEM ALFABÉTICA.



| | | | |
|--|--|--|--|
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

| | | | |
|----------|----------|----------|--------|
| RENATA | GERALDO | CAIO | JOÃO |
| VIVIANE | BEATRIZ | ANDERSON | MURILO |
| GILBERTO | LEONARDO | GABRIELA | BRUNA |
| ALEX | VÍCTOR | JAIRO | LUCAS |
| LAURA | PAULO | KÁIQUE | YASMIN |




FIGURA 63 – Exercício de ordem alfabética
Fonte: ADOLETA..., 2016

ORDEM ALFABÉTICA

PINTE, EM QUALQUER DIREÇÃO, A LINHA DE LETRAS QUE ESTÁ EM ORDEM ALFABÉTICA EM CADA QUADRO.



| | | |
|---|---|---|
| A | M | J |
| V | C | K |
| I | O | D |



| | | |
|---|---|---|
| E | G | I |
| T | A | V |
| N | R | B |



| | | |
|---|---|---|
| A | F | C |
| I | H | T |
| D | J | B |



| | | |
|---|---|---|
| V | C | S |
| X | B | R |
| Z | D | T |



| | | |
|---|---|---|
| D | M | I |
| P | B | Z |
| L | N | O |



| | | |
|---|---|---|
| R | M | I |
| I | S | A |
| L | C | U |

FIGURA 64 – Exercício de ordem alfabética
Fonte: ORDEM..., 2016

Outras atividades para verificar o entendimento do aluno a respeito da ordem alfabética: solicitar que eles organizem os nomes dos presentes na sala, dos times de futebol ou cidades que conhecem em ordem alfabética.

OBJETIVO 2: Organizar o vocabulário por campos temáticos e desenvolver o léxico. Atividades indicadas para alunos dos anos finais do ensino fundamental 1.

Exercício A

| TEMAS | | | | |
|--|----------------|----------------|----------------|----------------|
| Procure estas palavras em seu dicionário. Em seguida, organize-as em cinco listas lógicas. | | | | |
| ocre | colete | brigadeiro | atum | carvalho |
| ipê | traíra | buriti | grená | sonho |
| suspiro | malva | casadinhos | lambari | bordô |
| jacarandá | xale | bomba | saia | quindim |
| tilápia | carnaúba | caçã | dourado | carmim |
| <i>Lista A</i> | <i>Lista B</i> | <i>Lista C</i> | <i>Lista D</i> | <i>Lista E</i> |
| 1 | | | | |
| 2 | | | | |
| 3 | | | | |
| 4 | | | | |
| 5 | | | | |
| 6 | | | | |
| Você consegue acrescentar duas outras palavras às listas? | | | | |

• Resposta: Lista A (cores: *ocre, grená, malva, carmim, bordô*); Lista B (peixes: *atum, tilápia, lambari, caçã, traíra, dourado*); Lista C (roupas: *colete, saia, xale*); Lista D (árvores: *carnaúba, jacarandá, buriti, ipê, carvalho*); Lista E (doces: *sonho, bomba, suspiro, casadinhos, quindim, brigadeiro*).

FIGURA 65 – Exercício para organizar vocabulário
Fonte: BRASIL, 2006, p. 99

OBJETIVO 3: Desenvolver o léxico e conscientizar sobre o uso de locuções. Atividades indicadas para alunos do ensino fundamental 2.

Exercício A.

- ✓ Prepare duas folhas A e B.
- ✓ Distribua a folha A e peça aos alunos que encontrem todas as combinações possíveis entre as palavras da coluna I e da coluna II.

✓ Distribua a folha B e peça para os alunos completar as frases com as locuções encontradas na folha A.

X DE Y (FOLHA A)

Encontre expressões comuns juntando um nome da coluna I com um nome da coluna II, usando a preposição **de**. Pode haver diversas combinações possíveis para algumas das palavras.

O primeiro exemplo já foi dado para você: **senso de humor**.

Use o dicionário para conferir suas combinações:

| | I | II |
|----|----------|-----------|
| 1 | mudança | sorte |
| 2 | sinal | rico |
| 3 | modo | morrer |
| 4 | força | expressão |
| 5 | senso | atitude |
| 6 | tempo | dizer |
| 7 | controle | humor |
| 8 | questão | palavra |
| 9 | alvo | validade |
| 10 | homem | tempo |
| 11 | prazo | chacota |
| 12 | golpe | qualidade |
| 13 | sangue | sobra |
| 14 | lindo | vida |
| 15 | podre | barata |

X DE Y (FOLHA B)

Complete as frases abaixo com as expressões da Folha A:

1. É preciso mesmo ser _____ para gastar tanto dinheiro com jóias e carros novos.
2. Faz tempo que não tenho notícias do João. Depois que ele se mudou para Brasília, nunca mais deu _____.
3. Não reclame tanto! Você vai ter _____ para terminar essa tarefa.
4. Você não precisa sair do grupo. Para ficar conosco, tudo o que queremos de você é uma sincera _____.
5. Dizer que o Pedro é um gênio já é _____.
6. Todos os nossos produtos passam por um rigoroso _____.
7. É só uma _____ até ele decidir aceitar o emprego em Porto Alegre.
8. Sempre achei o André bonito, mas hoje na festa ele estava _____!
9. Só mesmo tendo _____ para ouvir tantos desaforos sem perder a calma.
10. Antes de comer o queijo, veja se ele ainda está dentro do _____.
11. Só porque é mais tímido, o Henrique sempre foi o _____ dos outros meninos da escola.
12. Foi mesmo um _____ conseguir um táxi àquela hora, debaixo de chuva.
13. Gosto de trabalhar com a Rita porque, mesmo nos momentos mais difíceis, ela não perde o _____.
14. Temos de encontrar um _____ a verdade sem ferir os sentimentos dos outros.
15. Antônio nunca deixou de cumprir suas promessas, sempre foi um _____.

FIGURA 66 – Exercício para desenvolver o léxico

Fonte: BRASIL, 2006, p. 105-106

OBJETIVO 4: Explorar os fenômenos de polissemia, ambiguidade, metáfora ou metonímia das palavras, para evitar duplos sentidos tanto na fala quanto na escrita. É importante que o aluno saiba que as palavras têm ou podem ter mais de um significado.

Atividades indicadas para alunos do ensino fundamental 2.

Exercício A.

Consultando um dicionário, verifique os sentidos atribuídos às palavras destacadas, identifique as marcas de uso que lhe são atribuídas.

A1.

- a) Joana tem um gato de estimação.
- b) Aquele rapaz é um tremendo gato.
- c) A companhia elétrica identificou um gato na fábrica.

A2.

A professora pergunta:

- Em que estado corre o Rio São Francisco?

E o Joãozinho responde:

- No estado líquido professora!

Exercício B

Professor, em relação a este cartaz, formule perguntas como: quais as várias acepções que se pode atribuir à palavra muda? Por que na consulta ao verbete do verbo “mudar(-se)” não consta uma equivalência para “não falar”? Será que foi uma redação proposital a ausência da partícula pronominal “se” para produzir o efeito de sentido duplo?



FIGURA 67 – Exercício de polissemia
 Fonte: KRIEGER, 2012, p. 68

Outras atividades relacionadas à polissemia e à ambiguidade são levar o estudante a transformar passagens de texto que estão ambíguas em algo mais esclarecedor. Isso pode ser feito por meio de palavras polissêmicas.

OBJETIVO 5: Ampliação de vocabulário

Exercício A.

Crie paráfrases alterando somente a palavra destacada.

A prova foi cansativa.

Exercício B.

Explique o sentido das frases:

- a) “Estamos com o mesmo problema do ano passado.”
- b) “Estamos com um problema igual do ano passado.”

Exercício C:

Identifique os ditados populares abaixo.

- 1 - Prosopopéia flácida para acalantar bovinos (Conversa mole pra boi dormir).
- 2 - Colóquio sonolento para bovino repousar (História pra boi dormir).
- 3 - Romper a face (Quebrar a cara).
- 4- Creditar o primata (Pagar o mico).
- 5 - Inflar o volume da bolsa escrotal (Encher o saco).
- 6 - Derrubar, com a extremidade do membro inferior, o suporte sustentáculo de uma das unidades de acampamento (Chutar o pau da barraca).

- 7 - Deglutir o batráquio (Engolir o sapo).
- 8 - Derrubar com intenções mortais (Cair matando).
- 9 - Aplicar a contravenção do Dr. João, deficiente físico de um dos membros superiores (Dar uma de João sem braço).
- 10 - Sequer considerar a utilização de um longo pedaço de madeira (Nem a pau).
- 11 - Sequer considerar a possibilidade da fêmea bovina expirar fortes contrações laringo-bucais (Nem que a vaca tussa).
- 12 - Derramar água pelo chão através do tombamento violento e premeditado de seu recipiente (Chutar o balde).
- 13 -Retirar o filhote de equino da perturbação pluviométrica (Tirar o cavalinho da chuva).
- 14 - A bucéfalo de oferendas não perquiris formação ortodôntica! (A cavalo dado não se olham os dentes).

Exercício D:

Complete as orações abaixo com uma das palavras da coluna 1 do quadro (eventuais flexões podem ser necessárias).

| Coluna 1 | Explicação do verbete. |
|---------------|--|
| Advento | Chegada; o aparecimento de; o que se dá início ou se funda e instaura. |
| Antrópico | Resultante basicamente da ação do homem. |
| Contemporâneo | Que habitou ou teve seu início na mesma época; que acontece ou tem seu início no presente; tempo atual. |
| Demanda | Procura; ação ou efeito de demandar; ato de buscar; disputa; ação de exigir ou reivindicar. |
| Detrimento | Prejuízo ou estrago; perda, dano; em detrimento de. Em oposição ao interesse de; que resulta em prejuízo para. |
| Drástico | Diz-se daquilo que efetua uma alteração violenta, radical, severa. |
| Gritante | Que grita ou clama; que chama a atenção de imediato; muito evidente, clamoroso. |
| Hegemonia | Supremacia, domínio, preponderância ou proeminência; |

| | |
|----------------|---|
| | influência absoluta, liderança ou superioridade. |
| Imperativo | Que impõe, que manda com autoridade; que se impõe de forma argumentativa numa discussão; o que se impõe através de uma obrigação. |
| Imprescindível | Aquilo de que não se pode prescindir; indispensável, essencial, insubstituível. |
| Imune | Isento, protegido; que não se deixa abater por; repleto de imunidade; desobrigado de pagar impostos; que não tem deveres nem obrigações; livre. |
| Inserir | Introduzir, fazer entrar; colocar, pôr. |
| Leviano | Que possui comportamento irresponsável; que age sem reflexão; que é insensato; irresponsável; sem consistência; inconstante ou volúvel; que demonstra leviandade. |
| Mercantilismo | Propensão a subordinar tudo ao interesse; atitude que leva à prática do comércio com a preocupação dos lucros excessivos. |
| Perpetuar | Tornar perpétuo, fazer durar sempre, immortalizar, eternizar. |
| Prerrogativa | Concessão ou vantagem com que se distingue uma pessoa ou uma corporação; privilégio, regalia; faculdade ou vantagem de que desfrutam os seres de um determinado grupo ou espécie; vantagens especiais e possuídas por certas pessoas que pertencem a algum grupo, instituição específica. |
| Simbiose | Vida em comum; ligação ou relação íntima entre duas pessoas; mutualismo; Quando dois seres de espécies diferentes têm uma relação mutuamente vantajosa para ambas as partes. |
| Singular | Exclusivo, único, distinto, muito especial; pouco usual; raro ou excepcional. |
| Utopia | Que está no âmbito do irrealizável; que tende a não se realizar; quimera, sonho; fantasia. |
| Vetor | Caminho, veículo, portador, intermediário. |

1. Para acabar com a briga a polícia teve que tomar uma atitude _____.
2. Análise mostra diferença _____ entres preços de carro no Brasil e nos EUA.

3. A cultura é uma necessidade _____ de toda uma vida, é uma dimensão constitutiva da existência humana, como as mãos são um atributo do homem.
4. A tradição e a modernidade influenciam no processo de desenvolvimento de cada país, tornando cada nação absolutamente _____.
5. Sem dúvida, o ecoturismo é o grande _____ para a sustentabilidade.
6. O italiano Luca di Montezemolo, presidente da Ferrari, disse que a escuderia deve priorizar o Mundial-2010 da F-1 em _____ da atual temporada, na qual a equipe ocupa apenas a quarta posição no Mundial de Construtores. Folha de São Paulo, 29/06/2009
7. Pela quinta vez Saura trabalha com o fotógrafo italiano Vittorio Storaro (premiado autor da fotografia de filmes como Apocalypse Now) que consegue, através da luz, da música e das sombras, "combinar realidade com fantasia, personalidade com criação para mostrar a _____ entre o artista e sua obra".
8. Com o _____ dos softwares livres (gratuitos), a Microsoft reagiu anos atrás criando o modelo de negócio Saas (Software como Serviço). Ele se baseia no aluguel dos softwares baixados pela internet.
9. O deputado negou ter a conta no exterior. "Estou sofrendo um processo _____ de insinuações sem fundamento", disse.
10. "Ela não está encorajada pelo _____", disse Marion sobre a escritora ao jornal "L'Express". De acordo com a editora, Tristane pretende entregar a associações feministas todo o lucro obtido com a obra.
11. É _____ que o governo de fato de Honduras respeite e cumpra plenamente a Convenção de Viena.
12. No curto prazo, o governo estuda _____ um artigo em um projeto de lei já tramitando no Congresso.
13. No último campeonato sul-americano juvenil, a Argentina deixou o Brasil sem o ouro pela primeira vez nesta década, pondo fim a uma _____ de seis anos.
14. O direito de cobrar impostos aos cidadãos é uma das _____ do governo.

15. Na conclusão do livro, Marcelo Leite afirma que o objetivo da obra é "expor a inestimável contribuição de Darwin para o pensamento _____" e mostrar que as implicações do darwinismo vão muito além das ciências naturais.
16. De acordo com a organização, o Brasil não ficou _____ à crise econômica e financeira mundial, mas já está em curso uma recuperação que vai mostrar seus efeitos no segundo semestre deste ano.
17. O objetivo é dimensionar adequadamente a frota para atender a _____. Os novos contratos, que terão validade de quinze anos, devem atender a um sistema de transporte que tenha qualidade, segurança.
18. Muitos cientistas aventaram a hipótese que as mudanças climáticas que ocorreram agora ou que ocorrerão no futuro podem ser devidas às atividades _____.
19. Do Who, iniciando show às 4 da manhã e tocando "My Generation", a Hendrix, quebrando as cordas da guitarra em "Red House", Woodstock foi o ápice terreno da _____ hippie.
20. Dizem que para uma pessoa sentir-se realizada e sua memória _____, ela deve fazer três coisas na vida: plantar uma árvore, escrever um livro e ter um filho (CUNHA, 2015).

Excelentes exercícios para desenvolver o vocabulário são a utilização de sinônimos na reescrita de pequenos textos, porém, professor, previna seu aluno para o fato de que a escolha das palavras depende da adequação ao contexto comunicativo. O emprego de sinônimos pode não ser adequado, como ocorre no texto que segue:

Ao terminar o almoço com o pai, na presença de alguns convidados, disse enfaticamente o menino:

- Papai, estou cheio!

O pai imediatamente corrigiu-o:

- Diga satisfeito e não cheio.

Pouco tempo depois, já na rua, ao ver um ônibus lotado, o menino voltou-se para o pai e disse:

- Veja, pai, como aquele ônibus está satisfeito (KRIEGER, 2012, p. 73).

Exercício E.

Professor, procure dois textos um pouco acima do nível de seus alunos e que contenham palavras novas para eles. As melhores fontes são os textos autênticos, como reportagens de jornal e revista, principalmente sobre negócios ou avanços tecnológicos, como nas telecomunicações.

Divida a classe em duas partes e dê a cada metade duas cópias do texto A e duas cópias do texto B. Divida a turma em duplas ou pequenos grupos e diga-lhes que você quer que eles se tornem especialistas no assunto do texto em dez minutos. Podem ler o texto tantas vezes quanto quiserem, consultando no dicionário as palavras ou expressões novas. No entanto, toda vez que verificarem alguma coisa no dicionário, eles devem apagá-la (com líquido branco, por exemplo) de uma das cópias do texto com que estão trabalhando, e escrever a palavra/expressão nova numa folha de papel (funciona melhor se as palavras ficarem desordenadas na folha de papel). Uma cópia do texto é a cópia-matriz e não deve ser alterada.

Os grupos A e B trocam entre si as folhas de papel com as palavras que foram consultadas, de modo que todos os alunos terão sob os olhos um vocabulário tirado de um texto que não leram. Não devem trocar entre si os textos originais.

Dê cinco minutos para que consultem quaisquer palavras que eles não conhecerem e para que discutam entre si. Conseguem adivinhar de que tipo de texto vêm aquelas palavras? Qual o assunto do texto?

Cada grupo passa sua cópia do texto original com as palavras/expressões apagadas para o grupo que recebeu sua lista de palavras soltas. Os alunos leem o texto com lacunas para confirmar suas suposições sobre o tipo de texto. Em seguida, devem reconstruir os textos originais preenchendo as lacunas com as palavras soltas e desordenadas da folha de papel. Passados 15 minutos, os alunos confirmam suas hipóteses verificando na cópia-matriz dos textos (BRASIL, 2006).

OBJETIVO 6: Familiarizar o aluno com expressões idiomáticas.

Atividades indicadas para alunos do ensino fundamental 2.

Exercício A.

DITOS E DITADOS

Todas as frases a seguir contêm ditos, provérbios e expressões idiomáticas muito comuns no português brasileiro. Complete-as, usando **algumas** das palavras que aparecem no quadro desta folha.

mãos - tempestade - olho - rim - culatra - coroa - tripa - perna - avião
 rua - calçada - navio - bota - calcanhar - livro - caderno - pente - porca
 pata - berro - murro - chaminé - casa - dado - anjo - castelo - Deus
 santo - árvore - mar - diabo - pó - pão - torto - fazer - ladrão - falar - ai
 dar - conta - milagre - pé - joelho - ensinar - padre - vela - começar - ser
 vigário - horário - ladrão - terra - mundo - popa - pisar - céu - mundo - ver

1. Márcia vive repetindo que seu apartamento novo custou os _____ da cara.
2. Você é mesmo um exagerado, vive fazendo _____ em copo d'água!
3. Pedro tentou levar vantagem naquele negócio, mas o tiro acabou saindo pela _____.
4. Para enfrentar essa situação, vamos ter de fazer das _____ coração.
5. É aí que a _____ torce o rabo!
6. Está na hora de esclarecer tudo e de pôr os pingos nos _____.
7. Poupe seus esforços nesse caso, porque de nada vai adiantar dar _____ em ponta de faca.
8. Ninguém aqui me leva a sério... Bem que o povo diz: _____ de casa não faz _____.
9. Eu sei como essa máquina funciona, não venha querer _____ o padre-nosso ao _____.
10. Paulo gosta sempre de dizer que a vida dele é um _____ aberto.
11. Dizem que essa moça sofreu muito, coitada: comeu o _____ que o _____ amassou.
12. O Ari mora muito longe, lá onde Judas perdeu as _____.
13. Aqui todo mundo está muito irritado, por isso estou sempre _____ em ovos.
14. Nessa cidade tem restaurante bom a _____ com o pau.
15. Aqueles dois vizinhos vivem em _____ de guerra.
16. Ela foi acreditar em promessas falsas e acabou ficando a ver _____.
17. O teatro estava lotado, com gente saindo pelo _____.

18. Nossa empresa está indo de vento em _____.
19. Ela anda falando mal de você a _____ e a direito.
20. O Geraldo está sempre com a cabeça no _____ da lua.

Professor, peça aos alunos que verifiquem nos dicionários as respostas, com isso eles terão que decidir em que verbete procurar – a expressão *no mundo da lua*, por exemplo, deve estar em “mundo” ou em “lua”? – esse é um bom momento para explicar como são realizadas as entradas dos verbetes (BRASIL, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do reconhecimento incontestável do valor pedagógico do dicionário para o ensino, seu potencial didático não costuma ser explorado. Nossa pesquisa, por meio dos questionários aplicados junto a alunos e a professores de Ibiporã/PR, mostrou que, apesar dos avanços da lexicografia, a escola ainda não conhece plenamente o dicionário, sobretudo seu potencial pedagógico.

Esse desconhecimento revelou a necessidade da proficiência lexicográfica, principalmente aos professores, responsáveis pelo ensino da língua. Foi o que tentamos fazer, primeiro, com o minicurso dado aos professores e, posteriormente, com a produção do manual a ser disponibilizados ao maior número possível de educadores. Mas sabemos que nossa iniciativa é insuficiente para mudar a realidade escolar. Essa mudança só seria alcançada se houvesse a inserção da disciplina de lexicografia nos currículos dos curso de Letras e de Pedagogia. O conhecimento produzido pela lexicografia pedagógica ainda está restrito às universidades, mais especificamente aos programas de pós-graduação.

Creemos que, a partir do momento em que mais estudos forem realizados na área, tanto para os professores quanto para os alunos, o uso mais adequado desse material didático possibilitará uma melhor compreensão da estrutura e do funcionamento da língua para que ambos possam manejar com mais competência esse poderoso instrumento chamado “palavra”.

BIBLIOGRAFIA

ADOLETÁ do ABC. Disponível em:

<<http://adoletadoabc.blogspot.com.br/2012/06/atividades-ordem-alfabetica.html>>.

Acesso em: 20 jun. 2016.

ANTUNES, Irandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.

AULETE digital. Disponível em: <www.aulete.com.br>. Acesso em: 31 ago. 2015.

BECHARA, Evanildo (org.). **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras**. 3. ed. São Paulo: Nacional, 2011b.

_____. **Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011a.

_____. **Dicionário infantil ilustrado Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011c.

BEVILACQUA, Cleci Regina; FINATTO, Maria José Bocomy. Lexicografia e terminografia: alguns contrapontos fundamentais. **Alfa**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 43-54, 2006.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dicionário ilustrado de português**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2009.

_____. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 40, p. 27-46, 1996. Disponível em:

<<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994/3664>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

_____. O dicionário padrão da língua. **Alfa**: Revista de Linguística, v. 28, n. supl., p. 27-43, 1984. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3677/3443>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo; CARVALHO, Carmen Silvia. **Meu primeiro livro de palavras**: um dicionário ilustrado do português de A a Z. 3. ed. São Paulo: Ática, 2011.

BLUTEAU, Raphael. **Suplemento ao vocabulário portuguez, e latino**. Parte II. Lisboa Occidental: Patriarcal Officina da Musica, 1728.

BOLZAN, Rosana Maria. **O uso do dicionário escolar como mediador das práticas discursivas de alunos do ensino fundamental**. 2012. 501 f. Tese.

(Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

BORBA, Francisco S. **Dicionário Unesp do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011a.

_____. **Palavrinha viva**: dicionário ilustrado da língua portuguesa. Curitiba: Piá, 2011b.

BRAGA, Rita de Cássia Espechit; MAGALHÃES, Márcia A. Fernandes. **Fala Brasil!**: dicionário ilustrado da língua portuguesa. Belo Horizonte: Dimensão, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Com direito à palavra**: dicionários em sala de aula. Brasília: MEC/SEB, 2012.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Dicionários em sala de aula**. Brasília: MEC/SEB, 2006.

CANO, Waldenice Moreira; PRADO, Daniela de Faria. Os estrangeirismos na área da informática no Aurélio século XXI. **Alfa**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 265-266, 2006.

CARTONI, Daniela Maria. Ciência e conhecimento científico. **Anuário da Produção Acadêmica Docente**, São Paulo, v. 8, n. 5, p. 9-34, 2009. Disponível em: <<http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/anudo/article/viewFile/1586/746>>. Acesso em: 13 ago. 2016.

COROA, Maria Luiza. Para que serve um dicionário? In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (Orgs.). **Dicionários escolares**: políticas, formas & usos. São Paulo: Parábola, 2011. p. 61-72.

CUNHA, Maurício Fernandes da. Exercícios de vocabulário 2. 26 fev. 2015. Disponível em: <<http://veredasdalngua.blogspot.com.br/2015/02/exercicios-de-vocabulario-ii.html>>. Acesso em: 20 set. 2016.

DIAS, Eliana. O ensino do léxico: a proposta do livro didático. **Olhares e Trilhas**, Uberlândia, v. 4, n. 4, p. 27-35, jan./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/olharesetrilhas/article/view/3564/2607>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

DICIONÁRIO etimológico: origem das palavras. Disponível em: <<http://www.dicionarioetimologico.com.br/dicionario/>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

FARIAS, Emilia. Maria Peixoto. Um breve histórico do fazer lexicográfico. **Revista Trama**, Cascavel, v. 3, n. 5, p. 89-97, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://e->

revista.unioeste.br/index.php/trama/article/viewFile/961/824>. Acesso em: 15 mar. 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Júnior**: dicionário escolar da língua portuguesa. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2011.

_____. **Dicionário Aurélio ilustrado**. Curitiba: Positivo, 2008.

FRIEDRICH, Deise Bittencourt. Por um estudo lexicográfico no meio docente. In.: SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS FILOLÓGICOS E LINGÜÍSTICOS, 2., 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Faculdade CCAA, 2009. p. 1-10. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/iisinefil/textos_completos/por_um_estudo_lexicografico_no_meio_docente_DEISE.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2016.

GEIGER, Paulo (org.). **Caldas Aulete**: dicionário escolar da língua portuguesa: ilustrado com a turma do Sítio do Pica--Pau Amarelo. 3. ed. São Paulo: Globo, 2011a.

_____. **Caldas Aulete**: minidicionário contemporâneo da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011b.

_____. **Meu primeiro dicionário Caldas Aulete com a Turma do Cocoricó**. 2 ed. São Paulo: Globo, 2011c.

_____. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011d.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HÖFLING, Camila. **Traçando um perfil de usuários de dicionários**: estudantes de Letras com Habilitação em Língua Inglesa: um novo olhar sobre dicionários para aprendizes e a formação de um usuário autônomo. 2006. 375 f. Tese. (Doutorado em Língua Portuguesa e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

HOUAISS, Antônio (Org.). **Dicionário Houaiss conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

HUMOR: piadas de português. Disponível em: <<http://www.linguacomtexto.com/humor/humor.htm>>. Acesso em: 20 set. 2016.

KRIEGER, Maria da Graça. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. In.: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2007. p. 295-309.

_____. Políticas públicas e dicionários para escola: o Programa Nacional do Livro Didático e seu impacto sobre a lexicografia didática. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 18, p. 235-252, 2006.

_____. Tipologias de dicionários: registro do léxico, princípios e tecnologias. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 4, n. 3, p. 141-147, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/6000>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

_____; RANGEL, Egon de Oliveira. Questões políticas. In: XATARA, Cláudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (orgs.). **Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos**. São Paulo: Parábola, 2011. p. 133-141.

_____; WELKER, Herbert Andreas. Questões de lexicografia pedagógica. In: XATARA, Cláudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (orgs.). **Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos**. São Paulo: Parábola, 2011, p. 103-113.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATTOS, Geraldo. **Dicionário júnior da língua portuguesa**. 4. ed. São Paulo: FTD, 2011.

MUNDO infantil 2º ano. Disponível em: <<http://deixemamaeepapai.blogspot.com.br/2013/05/ordem-alfabetica-atividades.html>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

NOGUEIRA, Natania. **Mafalda e o dicionário**. 14 set. 2010. Disponível em: <<http://gibitecacom.blogspot.com.br/2010/09/mafalda-e-o-dicionario.html>>. Acesso em: 10 out. 2015.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2002.

ORDEM alfabética. Disponível em: <https://lh6.googleusercontent.com/-w9UQF-Ror0g/TYqk_EN3IfI/AAAAAAAAABwQ/9FYImEinkol/s1600/PAG55.jpg>. Acesso em: 20 jun. 2016.

RAMOS, Rogério de Araújo (Ed.). **Dicionário didático de língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: SM, 2011.

RANGEL, Egon de Oliveira. Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da "proposta lexicográfica". In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia;

BAGNO, Marcos (Orgs.). **Dicionários escolares**: políticas, formas & usos. São Paulo: Parábola, 2011. p. 37-60.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SARAIVA, Kandy S. de Almeida; OLIVEIRA, Rogério Carlos G. de. **Saraiva jovem**: dicionário da língua portuguesa ilustrado. São Paulo: Saraiva, 2010.

_____. **Saraiva Júnior**: dicionário da língua portuguesa ilustrado. 3. ed. São Paulo: Saraiva 2009.

SEABRA, Maria Cândida T. Costa de; WELKER, Herbert Andreas. Questões teóricas genéricas. In: XATARA, Cláudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (orgs.). **Dicionários na teoria e na prática**: como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola, 2011, p. 29-37.

SILVA, Maria Cristina Parreira. **Estudo comparativo dos substantivos mais frequentes em dicionários bilíngues francês-português e português-francês**. 2002. 266 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.

WELKER, Herbert Andreas. Sobre o uso de dicionários. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 8., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2008. p. 1-17. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/08/Herbert_Welker.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2016.

ANEXOS

ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DO COLÉGIO
PESQUISADO

1) Quais tipos de dicionários você conhece?

2) Você possui dicionário em casa? () Sim () Não
Se sim, quais?

3) Você tem o hábito de usar dicionário? () Sim () Não
a) Se sim, para que finalidade?

b) Caso não use, por quê?

4) Você utiliza dicionário nas aulas de língua portuguesa? () Sim () Não
Para que finalidades?

5) Caso utilize, qual(is) obra(s)?

6) Usa o dicionário impresso (de papel) ou eletrônico? _____
Por quê?

7) Quais suas críticas em relação aos dicionários? (cite problemas e dificuldades)?

8) O que gostaria de ver melhorado no dicionário?

ANEXO B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

1) A que série você pertence? _____ Idade: _____

2) Você já consultou um dicionário? () Sim () Não

3) Quais dicionários você conhece?

4) Você possui dicionário em casa? () Sim () Não
Se sim, quais?

5) Costuma usar o dicionário? () Sim () Não
a) Se sim, para que finalidade?

b) Caso não use, por quê?

6) Usa o dicionário impresso (de papel) ou eletrônico?

Por quê? _____

7) Quais suas críticas em relação aos dicionários? (cite problemas e dificuldades)?

8) O que gostaria de ver melhorado no dicionário?

9) Você utiliza dicionário nas aulas de língua portuguesa?

() Sim () Não

Por quê? _____

ANEXO C – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DA REDE
ESTADUAL E MUNICIPAL

1) Formação acadêmica

a) graduação e ano de conclusão: _____

b) pós e ano de conclusão: _____

c) tempo de docência: _____

2) Tem o hábito de usar dicionário? (no seu dia-a-dia) () Sim () Não

a) Se sim, para quê?

b) Caso não use, por quê?

3) Quando usa dicionário:

() faz consulta rápida/pontual () ou consulta várias
palavras/dados

4) Qual dicionário mais usa? () monolíngue () bilíngue

5) Prefere dicionário impresso (de papel) ou eletrônico? _____
Por quê? _____

6) Quais dicionários você conhece?

7) Além de dicionário comum, conhece outros dicionários (gírias, antônimo, expressões,
provérbios, etc.)? () Sim () Não
Quais? _____

8) Quando fez curso de Letras/Pedagogia, recebeu alguma explicação de como usar
dicionário? () Sim () Não
Se sim, qual(is)? _____

9) Já leu “introdução” e “instruções de uso” de um dicionário (as primeiras páginas)?
() Sim () Não
Por quê? _____

10) Como professor, usa dicionário com seus alunos?

() Sim () Não

a) Se sim, como? _____

b) Se não, por quê? _____

11) Quais suas críticas em relação aos dicionários? (cite problemas ou dificuldades)

ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Pesquisadores responsáveis: Professora Rosilda de Alvarenga
Prof. Dr. Fernando Moreno da Silva – Orientador do Projeto

Este é um convite especial para seu filho participar voluntariamente da pesquisa “O dicionário em sala de aula: diagnóstico e propostas de uso”. Por favor, leia com atenção as informações abaixo antes de dar seu consentimento para participar ou não do estudo. Qualquer dúvida sobre o estudo ou sobre este documento pergunte diretamente à pesquisadora **Professora Rosilda de Alvarenga** ou entre em contato por meio dos telefones (43) 997-14111, (43) 3904-1922, e-mail: roibipora@hotmail.com, proletras@uenp.edu.br.

OBJETIVO E BENEFÍCIOS DO ESTUDO

(I) mostrar a importância do uso do dicionário como instrumento de aprendizagem; (II) estimular o uso do dicionário; (III) levar os alunos a refletir sobre a estrutura e funcionamento da linguagem.

PROCEDIMENTOS

Primeiro, professores e alunos responderão a um questionário sobre o uso do dicionário. Em seguida, serão propostas atividades que usam o dicionário em sala de aula. OBS: Nos questionários não há identificação do nome do seu filho.

DESPESAS/ RESSARCIMENTO DE DESPESAS DO VOLUNTÁRIO

Todos os sujeitos envolvidos nesta pesquisa são isentos de custos.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA

A participação de seu filho neste estudo é **voluntária** e ele terá plena e total liberdade para desistir do estudo a qualquer momento, sem que isso acarrete qualquer prejuízo para ele.

GARANTIA DE SIGILO E PRIVACIDADE

As informações relacionadas ao estudo são confidenciais e qualquer informação divulgada em relatório ou publicação será feita sob forma codificada, para que a confidencialidade seja mantida. O pesquisador garante que seu nome não será divulgado sob hipótese alguma.

ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS

Você e seu filho podem fazer todas as perguntas que julgarem necessárias durante e após o estudo.

Diante do exposto acima eu, _____, declaro que fui esclarecido sobre os objetivos, procedimentos e benefícios do presente estudo. Autorizo a participação livre e espontânea de meu filho(a) _____ para o estudo em questão. Declaro também não possuir nenhum grau de dependência profissional ou educacional com os pesquisadores envolvidos nesse projeto (ou seja, os pesquisadores desse projeto não podem me prejudicar de modo algum no trabalho ou nos estudos), não me sentindo pressionado de nenhum modo a participar dessa pesquisa.

Ibiporã, _____ de _____ de 2015.

Responsável, RG: _____

Rosilda de Alvarenga
Pesquisador, RG: 5039156-6

ANEXO E – TERMO DE ASSENTIMENTO *(No caso do menor entre 12 a 18 anos)*

Você está sendo convidado(a) como voluntário (a) a participar da pesquisa intitulada “O dicionário em sala de aula: diagnóstico e propostas de uso”, desenvolvida pela professora Rosilda de Alvarenga no colégio estadual Basilio de Lucca, no município de Ibiporã, Paraná. Nessa pesquisa, pretendemos estimular o uso do dicionário como instrumento de aprendizagem da língua. Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Os resultados desse trabalho estarão à sua disposição quando finalizado. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira, utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____,
portador (a) do documento de Identidade _____ **(se já tiver documento)**, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Ibiporã, ____ de _____ de 2015.

Assinatura do (a) menor

Assinatura do(a) responsável do menor

Assinatura da professora

ANEXO F – QUADRO DE IDENTIFICAÇÃO E TERMO DE CONSENTIMENTO DOS PROFESSORES CONSULTADOS

| | | |
|--|---|--|
| 1- Dados pessoais do entrevistado | | |
| <small>(Não serão divulgados. Servem apenas para esclarecimento de eventuais dúvidas por parte do pesquisador).</small> | | |
| Nome: | | |
| Endereço: | | |
| Telefone: | E-mail: | |
| 2- Formação acadêmica (inicial) | | |
| <input type="checkbox"/> Licenciatura em _____ | <input type="checkbox"/> Bacharelado em _____ | |
| <input type="checkbox"/> Outro curso de graduação: | | |
| Ano de conclusão: | <input type="checkbox"/> Instituição Estadual | <input type="checkbox"/> Instituição Privada |
| 3- Pós-Graduação | | |
| <input type="checkbox"/> Especialização | Área: | |
| <input type="checkbox"/> Mestrado | Área: | |
| <input type="checkbox"/> Doutorado | Área: | |
| 4- Experiência na docência | | |
| Tempo (anos): | Séries trabalhadas: | |
| <input type="checkbox"/> Intuição estadual de ensino | <input type="checkbox"/> Instituição particular de ensino | |
| Disciplinas que ministra atualmente: | | |
| | | |
| 5- Consentimento | | |
| <p>Ao concordar em responder as perguntas de um questionário elaborado por Rosilda de Alvarenga, pesquisadora e mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), você irá colaborar com o desenvolvimento da dissertação da referida estudante que tem por finalidade investigar o uso do dicionário. Ressaltamos que ao participar da pesquisa sua identificação será mantida em sigilo e não lhes serão acarretados prejuízos acadêmicos e/ou financeiros. A consulta será feita por meio de questionário escrito. Os resultados obtidos poderão ser consultados por todos os colaboradores consultados bem como a comunidade científica em geral, a partir de publicações em veículos de disseminação científica. Evidenciamos, também, que seu consentimento poderá ser rescindido a qualquer momento já que sua participação na pesquisa é voluntária. Assim, diante do compromisso ético de mantermos preservada sua identidade, você concorda em participar dessa entrevista e autoriza o estudo e a publicação dos dados coletados (suas respostas) em estudos acadêmicos que poderão ser divulgados em publicações científicas?</p> | | |
| <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Assinatura: _____ | | |
| RG ou CPF: _____ Data: ____/____/____ | | |
| 6- Para uso do pesquisador | | |
| Local e data: | Número do respondente: | |

Fonte: Da autora

ANEXO G – AUTORIZAÇÃO DO LOCAL DE COLETA DE DADOS



Ibiporã, 06 de maio de 2016.

Ilma. Sr.^a Margareth Coloniezi

Por meio desta apresentamos a mestrande Rosilda de Alvarenga, do programa de mestrado profissional em Letras – PROFLETRAS - desta Instituição de ensino, que está realizando a pesquisa intitulada PROFICIENCIA LEXICOGRÁFICA PARA PROFESSORES: O USO DE DICIONÁRIOS EM SALA DE AULA que tem objetivo mostrar a importância do uso do dicionário como instrumento de aprendizagem da língua estimulando o seu uso em sala de aula para que os alunos reflitam sobre a estrutura e o funcionamento da linguagem

Na oportunidade, solicitamos autorização para que a aluna realize a pesquisa através da aplicação de um questionário com alguns professores e verificação dos dicionários disponíveis nas escolas do município de Ibiporã.

Queremos informar que o caráter ético desta pesquisa assegura a preservação da identidade das pessoas participantes e locais pesquisados. Uma das metas para a realização deste estudo é o comprometimento da pesquisadora em possibilitar aos participantes um retorno dos resultados da pesquisa.

Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento da profissional e da pesquisa na área educacional nossa região. Em caso de dúvida a senhora pode procurar a coordenação do PROFLETRAS da UENP pelo telefone: xxxxxx ou pelo e-mail: xxxxxxx.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Fernando Moreno da Silva